



Estratégia

CONCURSOS

Aula 01

Atualidades e Geografia p/ ABIN

Professor: Rodrigo Barreto

AULA 01

SUMÁRIO	PÁGINA
1. Política europeia	01
2. Crise na Crimeia	13
3. América Latina	17
4. Estados Unidos	35
5. Questões comentadas	47
6. Lista de Questões	82
7. Gabarito	106

Vamos dar prosseguimento ao nosso curso. Hoje falaremos sobre o atual panorama da Europa, da América Latina e dos Estados Unidos. É uma aula extremamente relevante! Qualquer dúvida, crítica ou sugestão mandem para profrodrigobarreto@gmail.com

1. Política europeia


Sabemos que a economia mundial ainda sente os efeitos da crise iniciada em 2008, cuja origem está no mercado imobiliário norte-americano. Sabemos, ainda, que a crise não ficou restrita nem ao mercado imobiliário nem aos Estados Unidos. A crise de 2008 tornou-se global e, como tal, não deixaria de atingir a Europa. Os países europeus, diante da crise, injetariam grandes quantias de dinheiro na economia, tornando seu déficit orçamentário ainda maior. Muitos países da Europa, como, por exemplo, a Grécia, já enfrentavam penosas situações orçamentárias, que ficariam ainda mais combalidas com a crise.

A crise de 2008 causou, desse modo, grande instabilidade nas economias europeias, provocando piora nas condições de vida das populações, principalmente por causa do desemprego e da elevação dos preços; o que, por sua vez, provocou diversas manifestações, como a **marcha dos indignados** na Espanha e até a queda de alguns líderes políticos, como Berlusconi, na Itália, e Papandreou, na Grécia, onde houve greve geral.

Gostaria de ressaltar que não foi só por causa da crise norte-americana que a Europa está com problemas. Não podemos nos esquecer de que alguns governos europeus não controlaram devidamente suas contas públicas, além de situações de pouca competitividade, falta de infraestrutura e mesmo de altos níveis de corrupção. Por esse motivo, a crise europeia é também chamada de crise da dívida, em razão do alto nível de endividamento de alguns países europeus.

Na zona do euro, o déficit orçamentário é particularmente problemático, uma vez que, como as economias são conectadas pela moeda comum, os países ficam obrigados a seguir determinadas diretrizes econômicas comuns. Isso faz com que os países, muitas vezes, tenham de adotar caminhos de juros altos, corte de políticas sociais, arrocho salarial, aumento de impostos, flexibilização de leis trabalhistas e privatizações em acordo com o que estabelece o FMI, o Banco Central Europeu e a Comissão Europeia. Esse conjunto de medidas integram as chamadas medidas

de austeridade que são regras de ajuste com a finalidade de equilibrar as contas públicas.

	A <i>troika</i> é formada por três instituições: a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional.
---	--

Entretanto, se por um lado as medidas de austeridades visam a resgatar as finanças de um país, por outro elas acarretam o empobrecimento social, gerando desemprego e corte de benefícios sociais. Como não poderia deixar de ser, esse quadro leva as populações desses países às ruas, em manifestações contrárias à adoção dessas medidas. A complexidade da situação está no dilema entre adotar medidas de austeridade que são exigidas para a concessão de novos empréstimos ou políticas de investimento social que são reivindicadas pela população.

A **Grécia** é um dos casos mais graves do alastramento da crise econômica. Lembro que a Grécia é um dos países mais pobres da zona do euro e que, com a crise, ela foi levada a recorrer à União Europeia e ao Fundo Monetário Internacional a fim de obter empréstimos que pudessem diminuir seu déficit público. Essa situação, na verdade, gera um efeito dominó, já que se paga uma dívida fazendo outra.

Tudo isso se deu porque, na última década, a Grécia contraiu grandes quantias em empréstimos para sustentar um crescimento econômico de 4% por ano, em média, de 2001 a 2008. O problema foi que, quando a crise estourou, o país não possuía dinheiro disponível e, como já estava extremamente endividado, não conseguiu novos empréstimos com bancos, tendo de recorrer a organismos internacionais.

Claro que esses organismos internacionais impuseram à Grécia uma “receita amarga”: justamente as medidas de austeridade, incluindo a interferência direta do FMI, da Comissão Europeia Europeia e do Banco Central Europeu. Essa receita é basicamente a que fora aplicada na América Latina no fim dos anos 1980 e durante os anos 1990. Por enquanto, a adoção dessas medidas não vem se mostrando capaz de retirar a Grécia do quadro de crise.

No início da crise, a Grécia tentou dar uma resposta ativa e chegou a aumentar seus investimentos em diversos setores da economia, porém essa estratégia não deu os resultados desejados. O desemprego continuou crescendo e tanto a arrecadação de impostos quanto o consumo diminuíram. As medidas de austeridade adotadas pelo governo grego revoltaram a população, que tomou as ruas em protestos violentos, em meio a greves gerais que paralisaram o país. Ao mesmo tempo em que a ajuda financeira é concedida à Grécia graças à implementação de medidas de austeridade, a resistência do povo ao corte de gastos permanece.

Com uma taxa de desemprego altíssima, que em 2013 atingiu 26% da população ativa, necessidade de resgates financeiros e dificuldades econômicas, a **Espanha** vive sua pior crise em mais de quatro décadas. A fragilidade econômica vem causando uma rápida mudança social na Espanha, empurrando de volta para a pobreza pessoas que vinham ascendendo econômica e socialmente.

A crise no sistema bancário espanhol ocorreu devido à expansão desenfreada do crédito, logo após a criação do euro. Os bancos emprestaram dinheiro a juros baixos para clientes com contratos de hipotecas para a aquisição de imóveis. Porém, com o desemprego e a desaceleração econômica ocasionados pela crise financeira de 2008, os contratos de hipotecas deixaram de ser pagos pelos clientes, fazendo com que os bancos tivessem de reaver os imóveis, que se desvalorizavam rapidamente.

Um ponto importante no quadro espanhol é que a crise econômica está estimulando a campanha pela independência da Catalunha, uma das mais importantes regiões autônomas do país, que responde por um quinto da economia nacional e tem uma população de cerca de 7,5 milhões. A maioria das pesquisas de opinião já realizadas na região sugerem que, no caso da realização de um referendo sobre a independência da região, a maioria catalã votaria a favor da independência.

Interessante notar que a Catalunha tem seu próprio idioma e cultura, com diferenças claras em relação ao resto da Espanha, que convive com outras regiões que buscam autonomia. No entanto, a

Catalunha ainda parece longe de se transformar no próximo país independente da Europa. Apesar das manifestações e declarações do presidente da Catalunha, o governo central da Espanha se recusa a discutir a ideia e acredita que qualquer tentativa da região se transformar em um país independente é inconstitucional. A questão traz de volta um problema da época da violenta guerra civil espanhola: o temor da desintegração do país.

A crise da Espanha é ainda uma **crise de moradia**, pois, em meio à crise econômica que assolou o país, centenas de famílias foram despejadas e a situação não se normalizou, em razão da falta de pagamento de aluguel ou prestações de financiamento imobiliário, já que a população não tem a mesma renda de antes. Desde 2008, quando estourou a crise, já se ultrapassou o número de 400 mil execuções hipotecárias. A Catalunha é uma das comunidades autônomas mais atingidas pela crise imobiliária, onde foram realizados 20% do total de despejos do país.

A Espanha assistiu também a diversas manifestações que tomaram as praças de Madri, sobretudo a partir de meados de 2011, quando as pessoas permaneceram acampadas na Praça do Sol por diversas semanas seguidas. Essas manifestações se estendem e ocorrem até hoje. Os **indignados**, como ficaram conhecidos, protestaram contra as diversas medidas de austeridade, os despejos e o alto nível de desemprego.

Em junho de 2014, Juan Carlos, rei da Espanha desde 1975, abdicou do trono espanhol, fazendo de seu filho, Felipe, o novo rei.

Juan Carlos esteve à frente do trono espanhol durante um período de retomada da democracia, após décadas de ditadura franquista. Ele foi um dos monarcas mais populares da história espanhola, todavia, recentemente, sua popularidade ficou manchada por um escândalo de corrupção envolvendo sua filha e por outro no qual apareceu caçando elefantes, em Botsuana, em meio à crise financeira espanhola. Entre os principais desafios de Felipe está o de unir um país dividido após a crescente desigualdade e o acirramento dos ânimos na Catalunha. Ele também terá papel importante para salvar as instituições espanholas de uma crise de representatividade sem precedentes.

Durante uma década a **Irlanda** foi apresentada pelos defensores do modelo capitalismo neoliberal como o modelo a ser seguido pelos demais países. O **tigre celta**, como a Irlanda era chamada, ostentava uma taxa de crescimento mais elevada do que a média europeia. O taxa de tributação das empresas havia sido reduzida e a taxa efetivamente paga pelas numerosas transnacionais que ali tinham se instalado era menor do que a média de outros países europeus.

Acontece que, na Irlanda, a desregulamentação financeira encorajou uma explosão dos empréstimos às famílias (o endividamento familiar havia atingido 190% do PIB na véspera da crise), principalmente no setor imobiliário, o que estimulou a economia (indústria da construção, atividades financeiras, etc). O setor bancário inchou de uma forma exponencial com a instalação

de numerosas sociedades estrangeiras e o aumento dos ativos dos bancos irlandeses. Com isso, formaram-se bolhas imobiliárias que posteriormente estourariam, levando o país à crise.

Assim como nos demais países, na Irlanda as medidas de austeridade implementadas trouxeram prejuízos sociais. Medidas de ajuste estão sendo tomadas desde 2008, quando a crise estorou, mas seus resultados são tímidos e a população sofre as consequências da paralisação do desenvolvimento no país. Apesar disso, a Irlanda começa a ver alguma luz no fim do túnel e já percebe suas taxas de desemprego, ainda muito altas, diminuírem.

Por sua vez, **Portugal**, diante de um baixo crescimento econômico, encontrou grandes dificuldades para obter a arrecadação necessária para arcar com os gastos públicos. Para piorar os portugueses ainda convivem com problemas de infraestrutura, o que dificulta a produtividade do país.

Os gastos do governo português estavam altos, quando se iniciou a crise mundial em 2008, devido em parte a uma sucessão de projetos caros – especialmente na tentativa de se melhorar no setor de transportes. Assim, quando estourou a crise financeira global, Portugal passou a enfrentar uma grande dívida pública, que ficou cada vez mais difícil de ser financiada, já que os bancos e os demais países passaram a enfrentar sérios problemas financeiros.

A escassez de crédito e a crise da dívida soberana acabaram obrigando o país a pedir um resgate financeiro da ordem de 78 milhões de euros, concedido pela *troika*. Em contrapartida, o governo português se comprometeu a cumprir um plano de austeridade para reduzir o seu déficit orçamentário, com reduções de salários e aumento de impostos, além de outras reformas estruturais que levaram milhões de portugueses a protestar nas ruas contra o aumento de custo de vida e o desemprego que atinge cerca de 15% da população ativa.

O ex-primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, renunciou ao cargo de primeiro-ministro da **Itália**, em novembro de 2011, depois que a Câmara Baixa aprovou medidas de austeridade reivindicadas pela União Europeia, colocando fim a 17 anos de uma era política e abrindo espaço para uma transição cujo objetivo é tirar a Itália da crise econômica. A Era Berlusconi foi marcada pelo aumento da dívida pública italiana, por casos de corrupção – inclusive denúncias de ligações de Berlusconi com a máfia – e dezenas de escândalos, entre os quais a acusação de que Berlusconi teria casos sexuais com adolescentes.

O FMI, o Banco Europeu e diversos analistas avaliam com pessimismo situação da economia italiana. Desemprego, dívida pública e recessão são os desafios para nova coalizão de governo. Além disso, o excesso de burocracia agrava o problema. Principalmente nos níveis regional e local, há uma administração pública que nem sempre funciona satisfatoriamente, o que dificulta

as possibilidades italianas de responder a crise. Anote-se, ainda, que o sistema tributário italiano é bastante encarecedor, o que esfria as chances de retomada econômica.

Em junho de 2014, o governo italiano anunciou que incluirá, no cálculo do PIB, o faturamento de atividades ilegais, como tráfico de drogas, prostituição, contrabando e contravenções. Essa medida fará com que numericamente a economia italiana cresça mais do que o previsto. Todavia, será praticamente impossível estimar corretamente o faturamento dessas atividades, uma vez que não há registro confiável delas. A ideia seria fazer o PIB crescer para ficar dentro do limite de endividamento imposto pela União Europeia. Outros países da União Europeia poderão fazer o mesmo.

Na realidade, pessoal, de modo geral, os países que estão na zona do euro, ou seja, aqueles que adotaram o euro como moeda, ainda se encontram em situação de dificuldade econômica e o desemprego continua em alta. Nesse contexto, além dos **PIIGS**, sobre os quais conversamos há pouco, outro país que teve a situação econômica destacada foi o pequeno **Chipre**.

O Chipre fica em uma ilha no mar Mediterrâneo, próximo à Grécia e à Turquia. Com um histórico de ocupações desde a Antiguidade, a região ainda permanece foco de disputas. A ilha atualmente está dividida em, de um lado, a República do Chipre, que faz parte da União Europeia e, de outro, a República Turca do

Norte do Chipre, que é controlada pela Turquia e que não possui o reconhecimento internacional.

O Chipre, desde a sua integração à União Europeia, em 2004, vinha sendo considerado um paraíso para investidores, devido à manutenção da fraca fiscalização em relação à origem dos capitais e dando taxas de retorno bem acima do praticado pelo mercado. Com a crise mundial e, conseqüentemente, a crise europeia, o cenário do país foi alterado, com aumento da dívida pública e do desemprego – além da retirada de investimentos. A crise do Chipre esteve diretamente relacionada à crise da Grécia, que levou por meio do sistema bancários seus problemas para o país insular.

Acontece que a Grécia tem grande importância no sistema financeiro do Chipre, pois este país possui considerável parte dos títulos do governo daquele. Com a situação de crise, a Grécia ficou sem condições de permanecer pagando os títulos, o que fez com que as instituições financeiras do Chipre sofressem considerável abalo.

Diante desse panorama, a *troixa* disponibilizou 10 bilhões de dólares para auxiliar o Chipre na estabilização de sua economia. Todavia, a quantia se mostrou insuficiente, sobretudo em razão das garantias que foram exigidas ao país por ela. Surgiu até mesmo, como possibilidade para cumprir tais garantias, que o dinheiro de correntistas e investidores fosse confiscado nos bancos do Chipre,

o que levou revoltas à população, que saiu às ruas e protestou contra a possibilidade. Os bancos acabaram fechados por doze dias.

Essa possibilidade acabou perdendo fôlego diante dos protestos populares. O Banco Laiki, segundo maior do país e com altas dívidas, foi fechado. Os depósitos bancários abaixo de 100 mil euros ficaram garantidos, mas os superiores a esse valor foram congelados e parte deles foram usadas para sanar as dívidas daquela instituição. Os russos foram os que mais perderam dinheiro em razão desse congelamento, o que vem significando, para o Chipre, uma queda vertiginosa de sua economia nacional.

Gostaria de destacar que, em 2013, faleceu um símbolo do neoliberalismo: a ex-primeira-ministra do Reino Unido Margaret Thatcher, conhecida como “dama de ferro”, termo cunhado pela imprensa soviética diante da firmeza com a qual Thatcher se contrapunha ao socialismo. A sua morte causou vaias e aplausos, ou seja, manifestações diametralmente opostas por todo o mundo. Tal repercussão demonstra a importância de Thatcher, que deixou o poder há duas décadas, para a política e economia mundial.

Nos anos 1980, o ideário neoliberal foi implementado no Reino Unido por Thatcher, causando desindustrialização, mas também aumento dos ganhos para os setores de serviço e financeiro (terceiro setor). Em seu período de governo, com diminuição da presença do Estado na economia, redução dos gastos públicos e flexibilização das leis trabalhistas, houve o aumento da pobreza e do

desemprego na Inglaterra, causando grande insatisfação na massa de trabalhadores – os sindicatos se opunham ardorosamente a essas políticas -, ao mesmo tempo que os setores mais altos ganharam mais dinheiro. Thatcher privatizou setores como gás, telefonia, siderurgia e petróleo.

Antes do período de Thatcher como chefe de governo, os trabalhadores estavam comandando o país em um quadro de crise. Após uma série de manifestações populares, os conservadores ganharam força e, em maio de 1979, Thatcher conseguiu ser eleita. A partir de 1983, com a entrada de novas receitas derivadas da exploração petrolífera, o que permitiu a volta do crescimento econômico, e a disputa contra a Argentina pelas ilhas Falklands (Malvinas), o que deu a ela o sentimento popular de defesa do patriotismo, Thatcher passou a desenvolver ainda mais amplamente suas políticas neoliberais, que naquele contexto ficaram conhecidas como “thatcherismo”.

Destaca-se que Margaret Thatcher desempenhou papel fundamental na política externa do período, possuindo o ex-presidente norte-americano, Ronald Reagan, como grande aliado. Tanto ela quanto ele defenderam a adoção de medidas neoliberais e de defesa do capitalismo. Os dois adotaram políticas externas completamente contrárias a URSS, pressionando este e os demais países comunistas a posteriormente implementarem medidas favoráveis ao capitalismo. Thatcher estimulou que o líder russo, Mikhail Gorbachev, adota-se medidas de abertura política e

econômica, conhecidas, respectivamente, como *glasnot* e *perestroika*.

Margaret Thatcher morreu em abril de 2013 aos 87 anos de idade e permanece como a única mulher a ter governado a Inglaterra e, ainda por cima, durante três mandatos consecutivos.

2. Crise na Crimeia

O mundo vem assistindo a uma das mais graves crises recentes. Desde novembro de 2013, as praças e ruas ucranianas, principalmente as de Kiev, se tornaram palco de manifestações e de confrontos violentos, os mais violentos no país desde a campanha pela independência em 1991. O estopim das manifestações foi a decisão do então presidente Viktor Yanukovich de rejeitar um acordo com a União Europeia, mostrando claramente sua posição pró-Rússia.

Primeiramente, devemos compreender que o que está acontecendo agora tem relação com a Guerra Fria. Isso porque, durante este período, marcado pela bipolaridade entre as duas potências mundiais (EUA e URSS), a região da Crimeia (foco das atuais tensões) pertencia à URSS e, quando teve fim a Guerra Fria, aquela acabou anexada, não pela Rússia, mas pela Ucrânia, que também fazia parte da URSS.

Assim, a Crimeia se tornou uma região parte da Ucrânia, apesar de possuir certa autonomia. É interessante que notemos que

a Crimeia, que fica ao sul do país, tem, na realidade, sua população majoritariamente ligada à Rússia e não a Kiev – o que faz com que esses russos ou descendentes deles queiram anexar-se à Rússia, deixando de fazer parte da Ucrânia. Mas por que somente agora esse conflito eclodiu? Devemos perceber que a região da Crimeia tem grande importância estratégica tanto para a Rússia quanto para a Ucrânia, mas há questões adicionais.

Para entendermos melhor tudo o que envolve essa crise ucraniana, devemos ter em mente que há em jogo uma disputa entre Rússia e União Europeia envolvendo gás natural, uma vez que o gás russo, que passa pelo território ucraniano, abastece quase 25% do território da Europa. Isso dá aos russos uma grande vantagem estratégica, pois várias vezes eles se utilizam dessa situação, ameaçando cortar o fornecimento ou aumentar o preço. Ademais, com o fim da Guerra Fria e com sua independência, a Ucrânia passou a se interessar pelas possibilidades de negociações com a União Europeia, tendo em vista o modelo adotado por países como Polônia e Eslováquia.

A Ucrânia sofre com uma divisão interna em sua sociedade: de um lado, estão os pró-Occidente, que enxergam, na possibilidade de acordo com a União Europeia, uma grande possibilidade para o desenvolvimento do país; de outro lado, estão os pró-Oriente, ou seja, os pró-Rússia, que entendem que o melhor seria a aproximação com a Rússia ou mesmo a independência de determinadas regiões da Ucrânia.

Já no fim de 2013, uma grande onda de manifestações tomou a Ucrânia, depois de o governo de Viktor Yanukovich não assinar um acordo de livre comércio com a União Europeia, atendendo aos apelos de Moscou. Diante dessa recusa do governo em se aproximar da União Europeia, mantendo-se aliado à Rússia, a parte da população pró-ocidente saiu às ruas, em violentas manifestações, nas quais os embates com as tropas do governo levaram à morte de dezenas de civis, o que fez com que Yanukovich deixasse o governo, sendo destituído pelo Parlamento ucraniano. A Rússia chegou a oferecer ajuda financeira à Ucrânia, inclusive com redução no preço do gás, a fim de evitar que os ucranianos se aproximassem da Europa.

Nesse vácuo de poder, a oposição ucraniana assumiu o governo indo de encontro aos interesses russos. A deposição de Yanukovich foi vista como “golpe de Estado” pela Rússia, o que aumentou as tensões. Vladimir Putin acusou, então, os mediadores ocidentais de traição e disse não considerar o novo governo ucraniano legítimo. Diante dessas situações, na Crimeia, manifestantes e milicianos favoráveis à Rússia tomariam a região.

No mesmo dia que Yanukovich deixava o poder, a líder da oposição e ex-primeira-ministra ucraniana, Yulia Tymoshenko, que estava presa desde 2011, foi libertada, o que era um pré-requisito para a assinatura do acordo entre Ucrânia e União Europeia. Isso elevou ainda mais os ânimos russos que viram nesse ato um claro interesse em favor do Ocidente. De acordo com a Rússia, a

mediação feita pelo Ocidente nas questões ucranianas visa à obtenção de vantagens sobre a questão do comércio de gás.

Como podemos perceber, a saída de Yanukovich, aliado de Moscou, que agradava à população da Crimeia, intensificou a crise nesta região. Manifestações em favor da Rússia se recrudesceram e a população, querendo anexar-se ao território russo, passou a reivindicar a realização de um plebiscito que resolvesse a questão. Foi assim que, em março de 2014, um referendo realizado na Crimeia teve como resultado que mais de 95% dos votantes foram favoráveis à separação da Ucrânia e, conseqüentemente, à anexação pela Rússia.

Apesar da forte resistência da ONU em relação à realização dele, o referendo acabou sendo realizado. Todavia, tanto a ONU quanto potências ocidentais acusam a Rússia de ter manipulado referendo, além de acusá-lo de ilegal, segundo tratados internacionais em vigor. Após o referendo, a Rússia anunciou que considerará a Crimeia como parte de seu território, entretanto essa decisão ainda não encontra respaldo nos órgãos internacionais, o que torna a situação ainda bastante tensa.

Além da região da Crimeia, os conflitos se espalharam também para o leste do país, onde avança um movimento separatista. O leste abriga cidades industrializadas e com grande populações russas, o que traz forte instabilidade para a região. Algumas cidades inclusive foram tomadas por milicianos pró-Rússia em situação bastante semelhante àquela ocorrida na Crimeia.

Foi nesse cenário que, em maio de 2014, foram realizadas as eleições nacionais na Ucrânia, declarando Petro Poroshenko, um magnata do setor de doces, o novo presidente do país. Ele obteve 54% dos votos, enquanto que sua adversária, Yulia Timoshenko, conseguiu apenas 13%, ficando em segundo lugar. Poroshenko é favorável à aproximação com a União Europeia. Após a eleição de Poroshenko, a Rússia suspendeu o fornecimento de gás à Ucrânia, intensificando as divergências entre os dois países.

3. América Latina

A partir dos anos 1990, a América Latina assistiu ao fenômeno da chamada **“onda vermelha”**, com a eleição de governos de esquerda em diversos países. Porém, muitas das vezes, esses governos estiveram mais próximos de práticas populistas e clientelistas do que propriamente de práticas socialistas.

Segundo alguns especialistas, a eleição de partidos e candidatos que se colocavam como candidatos de esquerda está relacionada a uma espécie de reação das populações latino-americanas a projetos neoliberais, que foram acusados de terem agravado a imensa desigualdade social e a concentração de renda existente na região. A Venezuela, a partir de Chávez, aparece se opondo ao modelo norte-americano do Big Stick (Grande Porrete), que pressupunha o controle e a influência dos EUA na região. Não

nos esqueçamos de que os EUA tiveram grande participação nas ditaduras latino-americanas do século XX.

Em alguns países, o discurso vermelho chegou a ser mais agressivo e houve questionamentos mais contundentes aos interesses dos Estados Unidos na região. Nesse sentido, Hugo Chávez utilizou-se de um posicionamento radical, ganhando o apoio da população venezuelana e grande destaque nos veículos de comunicação. O fenômeno da onda vermelha teve como principais marcos a eleição de Hugo Chávez, em 1998, e de Lula, em 2002.

Analistas apontam contradição entre o discurso e a prática econômicas desses governos, pois de modo geral os EUA permaneceram como grande parceiro comercial desses países. No caso venezuelano, por exemplo, o principal comprador de seu petróleo eram justamente os EUA. Entretanto, devemos lembrar que houve de modo geral maior participação dos Estados latino-americanos na economia e aumento das políticas sociais, o que vai de encontro ao neoliberalismo.

Outro ponto interessante de notar é que o discurso antiamericano praticado por Chávez irradiou-se por quase toda a região. Em pouco tempo, outros candidatos – que posteriormente seriam eleitos, tornando-se presidentes de suas nações – adotaram o mesmo discurso. Essa situação se deu de maneira muito forte principalmente no governo Bush, que era um republicano, ou seja, um político norte-americano conservador. Políticos como Daniel

Ortega (Nicarágua), Rafael Correa (Equador) e Evo Morales (Bolívia) foram eleitos exatamente com esse mesmo discurso. Posteriormente, os Kirchner (Argentina), historicamente mais conservadores, passaram a adotar o mesmo discurso e a aproveitar a maré gerada.

No Brasil, Lula e o Partido dos Trabalhadores possuem um histórico avesso aos Estados Unidos, porém, nesse período de governo petista, as relações entre EUA e Brasil são boas de modo geral, ainda que possuam problemas como no caso de espionagem e na questão do protecionismo comercial. Não houve, em nenhum momento, um rompimento brusco entre EUA e Brasil, mesmo diante de impasses como a Rodada Doha e questão da possibilidade de entrada do Brasil no Conselho de Segurança da ONU.

De qualquer modo, mesmo com Obama na presidência, os discursos antiamericanistas permanecem e este presidente tem sido acusado de não ter cumprido importantes promessas de campanha, como em relação à base militar de Guantánamo. Os Estados Unidos são acusados de prender sem julgamento pessoas suspeitas de terrorismo, inclusive há denúncias de haver tortura. Acontece que Obama não possui base parlamentar realmente forte, nem mesmo unanimidade em seu partido, para aprovar o fim da base militar norte-americana em solo cubano. Os EUA fizeram um acordo com Cuba no início do século XX e desde então controlam a base. Fidel Castro, desde a Revolução Cubana, se opõe fortemente a essa situação, mas nada pôde fazer.

Obama prometeu que fecharia a base militar, situada em Cuba, mas ainda não conseguiu e sequer sabemos se de fato conseguirá. O analista político Néstor García Iturbe lembra que o presidente estadunidense não só descumpriu sua promessa de fechamento da prisão, como assinou a Lei da Autorização de Defesa Nacional, quando aprovou uma proibição permanente sobre a transferência dos detidos nesta prisão para os Estados Unidos. Há receio de que os presos de Guantánamo possam irradiar seu pensamento radical nos presídios.


A relação do governo Obama com Cuba é bastante dúbia. Após tomar posse, Obama renovou o embargo econômico à ilha. Mesmo com a ONU condenando a medida pelo 22º ano consecutivo em 2013, o governo norte-americano confirmou que manteria a política de bloqueio comercial a Cuba. Apesar disso, após chegar à Casa Branca, em 2009, o presidente Barack Obama suspendeu algumas restrições a Cuba, como o envio de dinheiro ou viagens à ilha por razões esportivas, educativas ou religiosas, mas destacou que outros passos dependerão da abertura do governo cubano para a democracia. Nesse cenário, Cuba, que é um membro fundador da Organização dos Estados Americanos (OEA), vem negociando sua volta à organização.

Muitos analistas acreditam que essas ações diplomáticas norte-americanas visaram a uma mudança no regime econômico cubano, e, paralelamente, a colocar fim no regime ditatorial de


Cuba. Raúl Castro, após assumir o governo cubano no lugar de seu irmão, iniciou algumas reformas econômicas, autorizou a abertura de pequenos comércios e implementação de cooperativas e autorizou também a venda de imóveis e automóveis.

Além disso, o regime comunista de Cuba busca aliados estrangeiros, como a China e a Venezuela. Com a morte de Chávez e a eleição de seu sucessor natural, Nicolas Maduro, não sabemos se o ideal bolivariano permanecerá tão forte na região. Apesar de compactuar com Chávez, Maduro não é visto como sendo um político tão habilidoso e carismático quanto seu antecessor. Com uma diferença de votos mínima em relação ao seu opositor, Henrique Capriles, o governo venezuelano convive com uma oposição fortalecida e um país polarizado – inclusive vivenciando um aumento do radicalismo.

A Venezuela possui uma economia baseada na produção de petróleo, sendo a 13º maior produtora mundial. Apesar de não ser a maior produtora de petróleo do mundo, em 2010, a Venezuela passou a ser considerada como a possuidora da maior reserva do planeta, de acordo com a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, ultrapassando as reservas da Arábia Saudita.

	A Venezuela não é a maior produtora de petróleo, mas possui a maior reserva dele.
---	---

Durante o governo de Hugo Chávez, a Venezuela liderou na região um grupo chamado de **bolivariano** que teve por características a implementação de políticas nacionalistas, como estatizações, muitas vezes ligadas a práticas populistas e a críticas antiamericanistas. Hugo Chávez defendia o que chamava de “socialismo do século XXI”, sendo um crítico feroz das práticas que ele entendia como imperialistas por parte dos Estados Unidos. Embora Chávez fosse acusado de ser autoritário por seus críticos, ele possuía a chancela das eleições e contava ainda com a maioria do Congresso venezuelano.

	<p>O grupo bolivariano (esquerda bolivariana) é formado por países que se opõe ao neoliberalismo e à influência norte-americana, com destaque para Venezuela e Bolívia. Nesse sentido, foi fundado a Aliança Bolivariana (Alba), cujos membros são, além da fundadora Venezuela, Bolívia, Cuba, Nicarágua e Equador.</p>
--	--

As políticas nacionalistas de Chávez se manifestaram em diversos sentidos. As relações entre Venezuela e os Estados Unidos quase chegaram a um rompimento diplomático, quando cada um dos países retirou seus diplomatas do outro. Essa situação ora é regularizado ora volta ao rompimento. Um dos pontos mais controversos do governo de Chávez foi exatamente sua conduta diante dos Estados Unidos, pois, se de um lado seus discursos e algumas de suas atitudes foram radicais frente aos norte-americanos, por outro lado os Estados Unidos chegaram a ser responsáveis por mais de 40% do petróleo exportado pela

Venezuela. Foi justamente o dinheiro decorrente da venda do Petróleo que financiou as políticas sociais de Chávez.

Outro ponto de tensão entre esses dois países é a rejeição venezuelana à criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). A criação da Alca foi duramente criticada por diversos países latinos que entendiam que sua criação seria um mecanismo de expansão econômica e política dos Estados Unidos na região. Caminhando em sentido contrário à criação da Alca, Chávez estabeleceu diversos acordos econômicos e políticos, avançando no seu projeto bolivariano de integração regional. Entre esses acordos, um dos que mais se destacou foi a possibilidade de comercializar petróleo em condições mais favoráveis, embora não reduza o preço do petróleo frente aos praticados pelo mercado.

Cuba é exatamente um dos países que mais se beneficiou desses acordos, comprando petróleo em vantajosas condições de parcelamento e juros. Em contrapartida, Cuba ofereceu à Venezuela prestação de serviços de saúde. Basta lembrar que Chávez foi internado em um hospital em Havana para tratar de problemas com câncer e infecções.

Em outubro de 2012, Chávez venceu as eleições venezuelanas, derrotando o candidato da oposição Henrique Capriles. Naquele momento, Chávez conquistava o direito de governar a Venezuela até 2019. O problema era que como ele estava internado em Cuba, sem que se soubesse ao certo seu

estado de saúde, ele não poderia tomar posse. Com isso abriu-se espaço para uma crise, já que haveria possibilidade de mais de uma interpretação constitucional.

Segundo os partidários de Chávez, o vice-presidente, Nicolas Maduro, deveria assumir o governo e depois entregá-lo à Chávez. Para a oposição, como o presidente não tomou posse, novas eleições deveriam ser realizadas. Porém, para evitar a crise constitucional, a Suprema Corte da Venezuela decidiu que a prorrogação da posse do presidente Hugo Chávez para seu quarto mandato era legal. A decisão foi anunciada depois que a Assembleia Nacional votou para conceder ao líder venezuelano tempo indefinido para que ele se recuperasse da cirurgia contra um câncer. A Suprema Corte decidiu também que enquanto Chávez se recuperasse, caberia ao vice-presidente governar o país. Posteriormente, as eleições presidenciais foram realizadas e Maduro saiu vencedor.

Contudo, a decisão da Suprema Corte gerou críticas de muitos analistas por todo o mundo. Alguns deles chegaram a afirmar que por menos o Paraguai foi suspenso do Mercosul, portanto a Venezuela também deveria sê-lo – o que não aconteceu. Segundo esses analistas, o impeachment paraguaio possuía previsão na Constituição do país, enquanto que a prorrogação para posse da presidência na Venezuela não.

A Venezuela vem sofrendo com graves disputas entre o governo e oposição. Com uma das piores crises financeiras de sua história, aliadas a escassez de alimentos e aumento da violência, o governo Maduro tem reprimido com força as manifestações populares. O governo venezuelano chegou a prender o líder da oposição, Leopoldo López, acusando-o de incentivar a violência dos protestantes. Na realidade, mais do que uma disputa entre governo e oposição, há, nas ruas venezuelanas, grande insatisfação com a penosa situação econômica do país. A atual onda de manifestações tem como marco o dia 12 de fevereiro de 2014, quando diversos manifestantes, sobretudo estudantes, foram presos e torturados pela política venezuelana, gerando ainda mais revolta.

Outro fato que envolve a Venezuela é que, em julho de 2012, o Mercosul decidiu suspender temporariamente o Paraguai até as eleições presidenciais do país em 2013. As medidas contra o Paraguai ocorreram em resposta ao processo de impeachment do presidente Fernando Lugo, ocorrido também em julho de 2012 e que foi repudiado pelos países sul-americanos. O Paraguai era contra a entrada da Venezuela no bloco.

O processo contra Lugo teve como estopim um conflito agrário envolvendo brasiguaios e ligas camponesas que terminou com 17 mortos paraguaios no interior do país. A oposição acusou Lugo de ter agido mal no caso e de estar governando de maneira "imprópria, negligente e irresponsável". Ele também foi acusado por outros

incidentes ocorridos durante o seu governo, como ter apoiado um motim de jovens socialistas em um complexo das Forças Armadas e não ter atuado de forma decisiva no combate ao pequeno grupo armado Exército do Povo Paraguaio, responsável por assassinatos e sequestros durante a última década, a maior parte deles antes mesmo de Lugo tomar posse.

O processo de impeachment de Fernando Lugo aconteceu rapidamente, depois que o Partido Liberal Radical Autêntico, do então vice-presidente Franco, retirou seu apoio à coalizão do presidente socialista. Foi então que o Senado do Paraguai afastou Fernando Lugo da presidência com um placar de 39 senadores favoráveis ao impeachment do socialista e 4 senadores contrários, além de 2 abstenções. Federico Franco assumiu a presidência pouco mais de uma hora e meia depois do impeachment de Lugo.

No Paraguai ocorre um problema diretamente ligado ao Brasil, que é o problema dos chamados brasiguaios. Os brasiguaios ou brasilguaios são brasileiros (e seus descendentes) estabelecidos em território da República do Paraguai, em áreas fronteiriças com o Brasil, principalmente nas regiões chamadas Canindeyú e Alto Paraná, no sudeste do Paraguai. Estimados em 350.000, são, em sua maioria, agricultores falantes do idioma português. Esses brasiguaios investem no agronegócio e enfrentam movimentos sociais camponeses, que não aceitam estrangeiros com posse de lucrativas terras em seus territórios. Fernando Lugo também tinha posição contrária aos brasiguaios, acusando-os de terem comprado

terras decorrentes da reforma agrária. Essa posição fez com que a população se colocasse contra os brasiguaios.

Nesse sentido, a presença dos brasiguaios, apesar de trazer crescimento econômico à região, provocou sentimentos nacionalistas e xenófobos entre os paraguaios. Os paraguaios preocupam-se com o enfraquecimento de sua identidade nacional na região fronteiriça, já que os estrangeiros mantêm sua própria língua, usam sua própria moeda, hasteiam sua própria bandeira e são donos das terras mais produtivas. Outra queixa é que seus filhos crescem falando português como segunda língua, em vez do guarani.

Também é fonte de atrito a questão racial, uma vez que a maioria dos brasiguaios tem pele clara e feições europeias, enquanto a maior parte dos paraguaios é de origem hispano-guarani. Transmissões de rádio em guarani exortam os camponeses sem terra a atacarem os brasiguaios, incendiando suas casas ou invadindo suas lojas, o que levou a imprensa brasileira a falar sobre uma espécie de limpeza étnica.

Os brasiguaios se queixam da discriminação contra seus filhos nas escolas locais e a intimidação das autoridades de imigração, já que grande parte deles nunca recebeu documentos de identidade paraguaios. Ao mesmo tempo, muitos brasiguaios nascidos no Paraguai não conseguem documentos brasileiros, o que impede algumas famílias hostilizadas de voltar ao Brasil.

No fim de 2012, o governo do Paraguai ampliou sua campanha para regularizar milhares de imigrantes ilegais, principalmente brasileiros que atravessam diariamente a fronteira os brasiguaios, a menos de um mês do fim da vigência da "lei da anistia migratória", que facilitou os trâmites necessários. Apesar da suspensão do país do Mercosul em junho passado, o governo Federico Franco, que não era reconhecido por Dilma Rousseff, trabalhou junto a diplomatas brasileiros na questão.

Em abril deste ano, Horácio Cartes, empresário conservador, foi eleito para a presidência do Paraguai, em uma vitória do Partido Colorado, o que significou a volta dos conservadores ao poder. Tal partido já havia governado o país ininterruptamente de 1947 a 2008, inclusive durante uma violenta ditadura militar. A eleição de Cartes permitiu que o Paraguai voltasse a atuar normalmente no Mercosul e também na Unasul. O Paraguai estava suspenso desde o caso de impeachment de Fernando Lugo, considerado por aqueles organismos inconstitucional. No início de 2014, o Paraguai voltou ao bloco.

Por sua vez, a Argentina, bem como a Bolívia, segue no caminho da onda vermelha e, desde 2012, aumenta suas estatizações. Durante o primeiro semestre de 2012, tanto um quanto o outro país estatizaram o setor de energético. A presidente argentina chegou a dar início a uma crise, estatizando a petroleira

YPF, que antes estava sob controle da Repsol, que é de origem espanhola.

Já o boliviano Evo Morales estatizou a Transportadora de Eletricidad S.A, que também é espanhola. Apesar de ambos os países terem nacionalizado companhias espanholas, a tensão com a Espanha foi maior na Argentina, devido a grande participação da YPF na produção de petróleo e gás para a Argentina – o que dava grandes lucros à empresa. O governo argentino e suas províncias produtoras de petróleo responsabilizaram a empresa YPF por não cumprir compromissos de investimento e disseram que isso obriga o país a importar grandes volumes de hidrocarbonetos.

Outra polêmica, essa envolvendo o governo boliviano de Evo Morales, foi quando este estatizou as refinarias brasileiras da Petrobrás na Bolívia. Isso ocorreu em 2006 e tratava-se de umas das suas principais propostas de sua campanha política para as eleições presidenciais. Essa estatização foi apoiada pela população boliviana, principalmente por movimentos populares, sindicatos e os “cocaleiros”, que são os produtores de coca no país. Desde de então, as relações políticas entre Estados Unidos e Bolívia ficaram abaladas, já que os norte-americanos repudiaram essa medida. Em 2008, a Bolívia expulsou diplomatas norte-americanos do país e a diplomacia norte-americana acusou o venezuelano Hugo Chávez de influenciar e incentivar a estatização.

Outro ponto de muita polêmica envolvendo Morales e os Estados Unidos ocorreu quando o avião do presidente boliviano sobrevoava o espaço aéreo europeu e não conseguiu permissão para fazê-lo. Havia a suspeita de que o ex-analista da CIA, Edward Snowden, estivesse no avião fugindo para a Bolívia ou mesmo para a Venezuela. O avião acabou aterrissando na Áustria, onde teria sido inspecionado por autoridades locais. A situação gerou constrangimento diplomático e revolta nos países latino-americanos, que por meio da Unasul fizeram uma nota de repúdio aos norte-americanos. A situação, entretanto, não se mostrou capaz de causar sanções maiores.

Há ainda que se destacar dois pontos em relação à Argentina: a crise na qual o país se encontra e a relação do governo argentino com a imprensa nacional.

A Argentina atravessa um período complicado do ponto de vista econômico, com sua moeda, o peso, sofrendo desvalorizações frequentes. As desvalorizações do peso estão sendo acompanhadas por altas nos preços, como, por exemplo, nos preços de combustíveis e alimentos. Por sua vez, os salários não acompanham a alta inflacionária, o que torna a renda dos argentinos cada vez mais defasada. Somado a isso, é cada vez maior a insatisfação com os caminhos políticos adotados pelo governo de Cristina Kirchner. Por fim, com a gradual recuperação da economia norte-americana, muitos investidores retiram seus capitais de países emergentes e voltam a investir nos EUA, levando a uma fuga de capitais – essa

situação tem ocorrido na Argentina, dificultando a economia deste país.

A relação entre o governo argentino e a imprensa também vem se deteriorando ao longo dos anos. A Lei da Mídia argentina, declarada constitucional pela Suprema Corte deste país, possibilita que grupos contrários ao governo, como o Clarín, sejam atingidos. O governo apresenta a Lei da Mídia como a “batalha das batalhas” e a considera uma grande arma contra as oligarquias do país, entretanto muitos analistas acusam o governo de normatizar um instrumento de censura a grupos opositores. Com a aprovação da lei, o governo conseguiu fazer com que o Clarín se desfizesse de várias emissoras de rádio e TV, enfraquecendo bastante este grupo de comunicação. Como perdeu em última instância, o Clarín ameaça recorrer a Cortes internacionais, acusando o governo de Cristina de cercear o direito à livre imprensa no país.

Importante ressaltar que, a despeito da onda vermelha, alguns países são considerados aliados norte-americanos, como a Colômbia, México e mesmo o Brasil. Em 2009, ocorreu um fato que gerou muita polêmica, principalmente entre os grupos da onda vermelha. Nesse ano, os Estados Unidos anunciaram a construção de bases militares na Colômbia e tal situação gerou duras críticas tanto ao imperialismo norte-americano quanto à subserviência colombiana. A Venezuela foi um dos países que mais criticou essa medida. Aliás, em razão do estreitamento nas relações entre Brasil

e Venezuela, a Colômbia se distanciou politicamente do Brasil naquele momento.

Os Estados Unidos argumentam que o motivo da construção da base é apoiar o combate ao narcotráfico e à guerrilha no país. Contudo, os críticos discordam e dizem que, na realidade, os Estados Unidos pretendem aumentar sua capacidade militar na região, expandindo seu poderio bélico. Ou seja, o interesse seria geopolítico. O fato é que os EUA mantêm bases militares no solo de seu principal aliado na América do Sul. Lembro que a Colômbia é atualmente considerada a segunda maior produtora de cocaína no mundo (em primeiro lugar, está o Peru) e que ela é o país com maior número de refugiados internos no mundo, em razão da fuga de pessoas de áreas controladas pelas FARC.

O ex-presidente colombiano Álvaro Uribe era um grande aliado dos Estados Unidos e foi um dos líderes mais populares da história colombiana, exatamente por causa de suas políticas de combate ao narcotráfico. Os progressos alcançados pela Colômbia no combate ao narcotráfico foram resultantes, em grande parte, do apoio dado pelos norte-americanos. Na guerra civil colombiana, estima-se que mais de 200 mil pessoas já tenham sido mortas.

As Forças Armadas Revolucionárias Colômbia – Exército do Povo, também conhecidas pelo acrônimo FARC ou FARC-EP, são uma organização de inspiração comunista, autoproclamada guerrilha revolucionária, que opera mediante táticas de guerrilha.

Eles lutam, em tese, pela implantação do socialismo na Colômbia, mas é notório que atualmente são apenas um grupo ligado ao narcotráfico.

As FARC são consideradas uma organização terrorista pelo governo da Colômbia, pelo governo dos Estados Unidos, Canadá e pela União Europeia. Os governos de Equador, Bolívia, Brasil, Argentina e Chile não lhes aplicam esta classificação. Hugo Chávez rejeitou publicamente esta classificação em Janeiro de 2008 e apelou à Colômbia como outros governos a um reconhecimento diplomático das guerrilhas enquanto "força beligerante", argumentando que elas estariam assim obrigadas a renunciar ao sequestro e atos de terror a fim de respeitar a Convenção de Genebra. Por sua vez, Cuba e Venezuela adotam o termo "insurgente" para as FARC.

Parte considerável dos colombianos temem as Farc, muitos destes por considerá-las como grupo terrorista e ela não tem apoio popular. Esse fato proporcionava alta popularidade ao então presidente da Colômbia, Álvaro Uribe. Uribe investiu na tarefa de recuperar o controle de seu país, não dos comunistas, mas de narcotraficantes por meio de um modelo mais combativo do que o do atual presidente, Juan Manoel dos Santos. Em junho de 2014, Juan Manoel dos Santos, que está empenhado nas negociações de paz com a FARC, conseguiu ser reeleito, vencendo um candidato apoiado justamente por Uribe. O pleito foi polarizado em razão do modelo repressivo de Uribe contra o negociador de Santos. A

reeleição de Santos significa a ratificação do modelo de negociações pela paz.

Recentemente as negociações entre o governo colombiano e as FARC tiveram importantes avanços. Desde de 2012, as FARC e o governo avançaram no sentido de um cessar fogo e negociações para paz se desenvolvem. Segundo acordos, o governo fará investimentos no desenvolvimento de áreas rurais e distribuição de terras a famílias de baixa renda. Além da reforma agrária, também houve avanços em relação à participação de membros da guerrilha na política colombiana.

Enquanto as FARC dão sinais do fim do conflito, outra guerrilha, do Exército da Libertação Nacional (ELN), ainda não possui diálogo para a paz. Entretanto, a reeleição de Santos abre possibilidades para que futuramente os acordos sejam estendidos a este grupo. Além, das FARC e do ELN, que em tese são de esquerda, a Colômbia enfrenta problemas com o grupo dos paramilitares (milícia), que se formou para combates os outros dois grupos. A milícia possuía apoio da burguesia e da oligarquia rural, mas acabou se envolvendo com o tráfico e se tornando mais um ator no complexo cenário de conflitos colombianos.

Mais um ponto de destaque no atual contexto latino-americano é a crescente liberalização em relação a questões polêmicas no Uruguai. Depois de legalizar o aborto e equiparar o casamento homossexual ao heterossexual, sendo a segundo país da América do

Sul a fazê-lo, já que a Argentina o precedera, o país agora regulamentou a produção, a venda e o consumo de maconha. De acordo com a nova legislação, farmácias autorizadas poderão comercializar mensalmente até 40 gramas para cada usuário uruguaio. Ademais, será possível até mesmo cultivar a maconha em casa, com um limite de seis plantas.

De acordo com o José Mujica, presidente do país, a legalização da maconha é uma medida contra o narcotráfico. Ele, que se declara pessoalmente contrário às drogas, entende que dar ao Estado o controle sobre o processo de venda e consumo implicará a diminuição do lucro para os narcotraficantes, que conseqüentemente se enfraquecerão. Para Mujica, legalizar a maconha possibilitará aos usuários da droga adquiri-la em locais com estrutura e formalizados, inclusive submetidos à vigilância do Estado, em vez de financiar traficantes, que vendem a droga misturada a produtos químicos nocivos.

Em 2014, completam-se 10 anos de presença brasileira no Haiti. Em 2004, o Brasil assumia a liderança da força da ONU no país, objetivando, na realidade, ampliar suas possibilidades de conseguir uma cadeira no Conselho de Segurança da ONU. Com a saída do então presidente do Haiti, Jean-Bertrand Aristide, após uma intervenção norte-americana, grupos armados dominavam várias partes do país e foi, nesse vácuo de poder, que a ONU mandou uma missão militar para o país.

Apesar do investimento de mais de um bilhão na missão militar, contesta-se muito os ganhos do esforço brasileiro. O país não conseguiu um assento permanente no Conselho de Segurança e viu outros países, como a Índia, que conta com apoio dos EUA para uma vaga no Conselho, também se destacarem. É verdade que o Brasil aumentou seu número de missões internacionais da ONU na última década, mas isso não parece suficiente para que se consiga o tão almejado assento no Conselho.

Com a presença de forças externas e a devastação ocasionada pelo furacão Sandy, além de terremotos e epidemias de cólera, o Haiti segue em situação caótica. Para nós, é importante ressaltar que milhares de haitianos têm entrado de forma ilegal no país, com a ajuda dos chamados coiotes. O Acre se tornou uma porte de entrada para esses haitianos que depois seguem para outros estados, principalmente São Paulo. A situação é complexa, pois envolve direitos humanos e internacionais, mas agrava, de certo modo, a situação das cidades que recebem os haitianos.

4. Estados Unidos

Após uma votação acirrada, o Presidente dos Estados Unidos, o democrata Barack Obama, conquistou, em novembro de 2012, sua reeleição ao derrotar o candidato republicano, o ex-governador de Massachusetts, Mitt Romney. Obama conseguiu obter mais do que os 270 delegados necessários para vencer o Colégio Eleitoral.

O presidente reeleito dos Estados Unidos, Barack Obama, está tendo nesse segundo mandato a difícil missão de unir um país praticamente dividido após a longa e bastante custosa campanha. Tem-se notado, na política norte-americana, uma cisão cada vez mais forte entre democratas e republicanos, o que quase levou o país a um grave problema fiscal.

Barack Obama conseguiu ser reeleito em um cenário no qual a economia do país enfrentou, depois de 2008, sua pior recessão desde a Grande Depressão dos anos 30. Essa é a primeira vez desde Franklin Roosevelt (1933-1945) que um presidente conseguiu ser reeleito com uma taxa de desemprego tão alta quanto à de então.

Em julho de 2012, Obama conseguiu uma grande vitória ao ter o seu plano de reforma da saúde aprovado pela Suprema Corte do país. A Lei de Proteção ao Paciente e Serviços de Saúde Acessíveis (“The Patient Protection and Affordable Care Act”, em inglês), também conhecida como Obamacare, criou um sistema abrangente de saúde nos Estados Unidos.

Basicamente, a reforma estabelece que todo mundo que vive nos EUA está obrigado a ter um seguro de saúde. As pessoas com renda familiar mensal abaixo do equivalente a R\$ 2.390 terão uma ajuda parcial do governo para os custos. Calcula-se que o plano vai incluir no sistema 30 milhões de americanos que não tinham

nenhuma cobertura de saúde. A ideia é universalizar essa cobertura e também incentivar a criação de um mercado de seguradoras.

Diferentemente do Brasil, os EUA não tinham um sistema público e universal como o SUS (Sistema Único de Saúde), criado a partir do texto da Constituição de 1988 que definia a saúde como “direito de todos e dever do Estado”, e com essa nova lei os norte-americanos se aproximam desse modelo. Segundo o historiador Daniel Simões, “nos Estados Unidos, ou você paga um plano de saúde ou precisará ter dinheiro para pagar cada consulta e exame - o que não sai nada barato”. Por lei, no entanto, os hospitais norte-americanos estão obrigados a atender qualquer pessoa durante emergências. Outro problema no sistema de saúde americano é que as seguradoras não são fiscalizadas pelo governo – o que significa que elas podem alterar preços ou vetar serviços ao usuário sem precisarem prestar contas.

A reforma de saúde não vai criar um sistema público igual ao brasileiro, mas torna o acesso à assistência médica no país um pouco mais igualitário. “O SUS é considerado um exemplo no mundo inteiro. É claro que há muitos problemas, mas ele de fato acaba por atender todo mundo”, diz Simões.

Essa foi uma das principais bandeiras políticas de Barack Obama durante as eleições presidenciais e tem provocado fortes reações tanto contra quanto a favor. Seus principais opositores do conservador Partido Republicano dizem que o presidente deveria ter

dado mais atenção a outros setores e criticam os supostos gastos excessivos que o plano pode trazer, além de afirmarem que essa é uma tentativa de controlar demais a vida privada de cada um, em uma visão extremamente liberal. A batalha entre Republicanos e Democratas paralisa parte das ações de Obama. Todo esse cenário de disputa é fortemente marcado pela crise da dívida europeia, pela desaceleração do mercado chinês, pelo desemprego e por tensões com o governo russo que recrudesçam com as questões síria e ucraniana.

Segundo os democratas, a debilidade da economia norte-americana não permite que haja grandes reduções nos gastos públicos, e, assim sendo, é necessário que o governo continue investindo a fim de fazer com que o país cresça mais e gere mais empregos, mantendo o modelo neokeynesiano adotado após a crise de 2008. Os democratas entendem ainda que os benefícios sociais, pagos às parcelas mais pobres da população, são fundamentais para a recuperação econômica e social do país.

O governo Obama modificou, ainda, as medidas relativas ao terrorismo – já que os altos custos financeiros se tornaram impopulares em um contexto de crise econômica. Os Estados Unidos teriam gasto aproximadamente 1,5 trilhão de dólares nas campanhas do Iraque e do Afeganistão, além de ter deslocado cerca de 350 mil soldados para essas regiões e para outros países da Ásia Central e do Oriente Médio.

Durante a campanha eleitoral para seu primeiro mandato, Obama prometera que retiraria as tropas norte-americanas do Iraque, o que de fato ele conseguiu realizar. Porém, houve uma declaração polêmica e bastante contraditória por parte do presidente norte-americano, quando as tropas dos Estados Unidos deixavam o Iraque. Ele declarou que as tropas norte-americanas deixavam um Iraque estabilizado; contudo, a realidade é que as tropas norte-americanas não foram capazes de trazer estabilidade para a região e o Iraque permanece em crise econômica e política.

Em 2011, Obama ganhou muitos pontos com o eleitorado norte-americano, quando o terrorista Osama Bin Laden foi morto por soldados norte-americanos. Com a morte de Osama, Obama pôde dar início à redução do contingente norte-americano no Afeganistão, país no qual a Al Qaeda (grupo terrorista do qual Osama Bin Laden fazia parte) possui grande influência. Apesar da morte de Bin Laden, o Afeganistão está longe de resolver seus complexos problemas políticos. O Taliban continua atuando na região, mas, com a crise e a necessidade de gastar menos em ações militares, Obama viu-se obrigado a diminuir a presença dos Estados Unidos na região. Aliás, desde a morte de Bin Laden, esse grupo terrorista tem atuado cada vez mais de forma heterogênea, o que dificulta inclusive o combate a ele.

Lembro-lhes de que foi justamente o episódio de 11 de setembro de 2001, com o atentado terrorista contra os Estados Unidos, quando houve o choque de aviões com as torres do World

Trade Center, comandado por Bin Laden, que fez com que os Estados Unidos ampliassem suas ações militares e seu combate ao terrorismo. Na época dos atentados, quem estava no poder era George W. Bush, que definiu o terrorismo como a pior ameaça aos Estados Unidos e à paz mundial. A partir daí, Bush inaugurou uma nova época na geopolítica que ficaria, então, conhecida como a Doutrina Bush.

Em 2002, o presidente George Bush divulgou o documento "A estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos", que ficou justamente conhecido como "Doutrina Bush". Este documento apresentava as estratégias político-militares que passaram a ser adotadas pelo país em nome da defesa nacional, frente às ameaças a que poderiam estar sujeitos o território e o povo norte-americanos. O documento declarava a intenção dos Estados Unidos em agir militarmente por conta própria e por decisão unilateral, em nome do direito de autodefesa e de maneira preventiva. Dessa forma, os Estados Unidos, em nome do antiterrorismo e do combate a países considerados e avaliados como ameaçadores aos seus interesses, justificaram as suas ações e procuraram torná-las legítimas diante da opinião pública norte-americana e internacional.

A guerra e a ocupação do Iraque, embora fizessem parte das ações da Doutrina Bush de guerra preventiva, não foram apoiadas em provas de que este país desenvolvesse armas de destruição em massa (justificativa para a sua invasão) ou financiasse o terror. Depois de os Estados Unidos declararem a vitória sobre o Iraque, de

terem conseguido a prisão e morte de Saddam Hussein e o estabelecimento de um governo provisório, a situação do Iraque permaneceu incontrolável.

Ao contrário do que propunha a Doutrina Bush, os ataques terroristas, a insurreição de grupos armados contra a ocupação estrangeira e os conflitos entre as principais etnias ameaçam a estabilidade do país e apontavam para uma perspectiva de total descontrole da situação. Na verdade, os norte-americanos usaram seu poderio militar para favorecer suas empresas do setor petrolífero e da construção civil e ampliarem sua influência no Oriente Médio.

Foi baseado nessa doutrina – que, repito, previa o unilateralismo e os ataques preventivos, mesmo sem aprovação da ONU ou da OTAN – que os Estados Unidos e o Reino Unido invadiram o Iraque. As alegações de que o Iraque possuía armas nucleares feitas por Bush não tardariam a se mostrarem falsas. Após a intervenção norte-americana, o Iraque se afundou numa complexa crise política e os Estados Unidos passaram a ser acusados de ter invadido o país por razões puramente econômicas, sobretudo por causa do setor petrolífero – como disse.

Um dos principais fatos envolvendo os EUA recentemente foi o da espionagem e vazamento de informações secretas. A revelação de que o governo norte-americano vigia a atividade de governos e de cidadãos caiu como uma bomba na imprensa, gerando reação

internacional. Os jornais The Washington Post e The Guardian publicaram que o governo dos Estados Unidos, utilizando-se de um software chamado Prismo, espiona o uso da internet por cidadãos e por governos. Diversos provedores, tais como Microsoft, Yahoo, Apple, AOL, Facebook e Google, foram espionados pelo governo norte-americano. Para o governo norte-americano essa medida se faz necessária em razão da prevenção contra ataques terroristas. O Brasil também foi espionado, inclusive, com a revelação de que os EUA manteriam bases secretas de espionagem em Brasília.

Edward Snowden, ex-analista da CIA, foi a principal figura desses acontecimentos, após ter vazados diversos documentos secretos para a imprensa. Depois de ele ter revelado esses documentos, descobriu-se que ele estava em Hong Kong e, em seguida, ele fugiu para a Rússia em busca de asilo. Além desses documentos, Snowden ainda revelou que a Verizon, grande empresa de telecomunicações, fornece à Agência Nacional de Segurança (NSA) dados telefônicos, com o pretexto de defender o país.

As revelações feitas por Snowden causaram a indignação de internautas e governos, e ele acabou recebendo o apoio de diversas organizações, principalmente do Wikileaks. Há, nos EUA, uma lei, chamada de Ato Nacional dos EUA, que fora aprovada em 2001, logo após os ataques de 11 de setembro, que dá margem a possibilidade de espionagem legal em razão de defesa nacional, todavia essa lei não guarda proteção no Direito Internacional. Os

EUA são acusados de violar os direitos fundamentais de privacidade de cidadãos no mundo todo e a soberania dos países espionados.

Em 2014, o Brasil aprovou o Marco Civil da Internet com o objetivo de regulamentar a vida virtual, preocupação que vem aumentando. Após o caso Snowden, o governo brasileiro defendeu que os EUA e as empresas envolvidas dessem satisfações aos brasileiros, mas nenhuma medida mais severa deverá ser adotada. O Itamaraty chegou a pedir esclarecimentos ao governo americano e ao embaixador americano no Brasil, Thomas Shannon, quanto à denúncia de que pessoas e empresas no Brasil teriam sido alvo de espionagem por parte da NSA (agência nacional de segurança dos EUA). Snowden pediu asilo político a vários países, inclusive ao Brasil, de quem não obteve resposta. Ele teve o pedido de asilo concedido pela Rússia, onde se encontra atualmente.

Em outubro de 2013, pela primeira vez em quase 20 anos, os EUA ficaram impedidos de prestar serviços públicos não essenciais em razão de não ter havido naquele momento autorização orçamentária. Essa situação é simbólica dentro da forte disputa entre democratas e republicanos no Parlamento norte-americano. Enquanto os democratas possuem a maioria no Senado, os republicanos a mantêm na Câmara, dificultando que o processo legislativo siga um fluxo tranquilo. Posteriormente a questão avançou e os EUA aprovaram seu orçamento, todavia a tensão permanece e o acirramento dos ânimos políticos podem trazer danos ao país.

Por fim, cabe ressaltar que os estados de Washington e do Colorado liberaram o consumo recreativo de maconha, acompanhando o movimento para liberalização da maconha. Essas medidas têm ganhado força diante da ineficiência do modelo de repressão adotado praticamente no mundo todo. Muitos países têm passado a discutir caminhos alternativos, sobretudo em razão da violência associada ao tráfico ilegal de drogas. Além destes dois estados, há outros, nos Estados Unidos, que já permitem o uso medicinal da maconha.



5. Questões comentadas

1) (CESPE - 2012 - TCU - Técnico de Controle Externo)
Apenas dois partidos, o Republicano e o Liberal, atuam na cena política norte-americana; nas eleições de 2012, os liberais apostam na recondução de Barack Obama ao Capitólio.

Muita gente se confundiu nessa questão, por isso atenção redobrada. É errado dizer que apenas dois partidos atuam na cena política norte-americana. Há sim outros partidos, embora apenas estes dois apontados no enunciado tenham relevância e por isso os cientistas políticos se referem aos EUA como possuindo um sistema bipartidarista. Os liberais (Democratas) realmente apoiaram Obama, enquanto os conservadores (Republicanos) apoiaram Romney. E Capitólio é sinônimo para Congresso Nacional dos Estados Unidos, no qual os eleitos para a presidência prestam juramento.

Questão errada.

2) (CESPE - 2012 - TCU - Técnico de Controle Externo)
Obama notabilizou-se por ser o primeiro negro a chegar à



presidência dos Estados Unidos da América, feito particularmente significativo, haja vista a forte marca da escravidão africana na história do país e da discriminação racial, que custou a ser legalmente abolida.

Obama foi de fato o primeiro negro a chegar à presidência norte-americana. Podem surgir duas dúvidas em relação ao restante do enunciado. A primeira é se houve forte marca da escravidão africana no país. Houve sim, pessoal. Assim como no Brasil, os Estados Unidos foram marcados por um forte regime escravocrata.

A outra dúvida é se a discriminação racial custou a ser legalmente abolida. De fato, a discriminação racial demorou a ser legalmente abolida, fato que só aconteceu em 1965 – quando ainda havia bebedouros, assentos, banheiros distintos para negros e brancos.

Questão correta.

3) (Cespe - Antaq - 2009) A crescente importância do Brasil e da Venezuela no cenário sul-americano, inclusive no que se refere à mediação entre partes em crises regionais, emana da modernização econômica, da tranquilidade política e da projeção internacional de que gozam os dois países, em igual proporção e legitimidade internacional.

Que Brasil e Venezuela ampliaram sua importância na região não há dúvidas. Contudo, percebam que a Venezuela está longe de ter a mesma modernização econômica, a tranquilidade política e a projeção internacional de que goza o Brasil. Sobre “tranquilidade política”, esse termo não está relacionado à falta de disputas internas, mas sim à solidez das instituições. O Brasil possui, certamente, instituições mais sólidas do que a Venezuela. Assim, questão errada.

4) (Cespe – Antaq - 2009) Na atualidade, os países latino-americanos que melhor se relacionam com os EUA são Cuba e Venezuela.

Essa só pode ser brincadeira ... como assim, gente!?!?!?!?
Óbvio que essa está errada! Os países latino-americanos que pior se relacionam com os EUA são exatamente Cuba e Venezuela. Questão errada.

5) (FCC - Escriturário-Banco do Brasil - 2011) “Os exportadores brasileiros de geladeiras, fogões e máquinas de lavar roupa voltaram a enfrentar barreiras no mercado (...). Conforme o “Estado” apurou, 35 caminhões estão parados nos depósitos alfandegários à espera de autorização para circular no país”. (O Estado de S. Paulo, 13/ 05/ 2011, p. B3)

O texto acima destaca uma nova crise comercial provocada pelo protecionismo comercial

- (A) do Paraguai.**
- (B) da Venezuela.**
- (C) do Peru.**
- (D) da Argentina**
- (E) da Bolívia.**

Vocês lembram de quem eu falei ao mencionar protecionismo? Justamente da Argentina. A Argentina, a partir de 2011, ampliou os produtos que não possuem licença automática de entrada no país. A Argentina fez isso em uma tentativa de proteger sua indústria dos produtos estrangeiros, sobretudo dos brasileiros. Essa situação gerou uma certa crise entre a Argentina e o Brasil. Letra “d”.

6) (FMP - Auditor Público Externo – TCE-RS - 2011)
Economistas e analistas de mercado criaram o termo “BRICS” para se referir a alguns países que se destacaram no cenário mundial pelo rápido crescimento das suas economias em desenvolvimento. Os países que compõe esta expressão são:

- (A) Brasil, Rússia, Indonésia, China e Coréia do Sul.**
- (B) Bulgária, Reino Unido, Índia e Coréia do Sul.**
- (C) Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.**

(D) Brasil, Rússia, Índia e Colômbia e África do Sul.

(E) Brasil, República da China, Indonésia, Chile e Coreia do Sul.

Qual a dificuldade? Nenhuma, não é verdade!? E vejam o nível do cargo ein... O termo BRICS refere-se a Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Essa foi nível faixa branca. Letra “c”.

7) (FCC - Analista Legislativo - 2008) Um dos principais itens da plataforma eleitoral de Fernando Lugo, ex-bispo católico eleito presidente da República do Paraguai em abril de 2008, foi a revisão do Tratado de Itaipu, celebrado com o Brasil em 26 de abril de 1973. Entre outras cláusulas, o tratado prevê que:

a) o Paraguai não receberá a compensação financeira dos royalties, pois seu território não foi atingido pela construção da barragem.

b) a venda da energia produzida a partir do aproveitamento hidrelétrico referido no tratado deve ser feita a preço de custo para países não signatários.

c) os signatários devem adquirir, conjunta ou separadamente, o total da energia produzida a partir do aproveitamento hidrelétrico referido no tratado.

d) os limites territoriais estabelecidos entre os dois países podem ser revistos em função da implantação de instalações destinadas à produção de energia elétrica e obras auxiliares.

e) os países signatários têm o direito de vender a energia por eles não utilizada para terceiros países.

Como eu não falei especificamente sobre o Tratado de Itaipu na parte teórica, vejamos essa questão por partes.

Letra a - Os dois países recebem royalties em razão da exploração.

Letra b – O Paraguai, segundo o Tratado de Itaipu, não podia revender energia a outros países.

Letra c – Exatamente. A energia produzida é dividida igualmente entre Brasil e Paraguai, só que como o Paraguai consome apenas uma parte ínfima do que tem direito (cerca de 5% do total produzido), ele vende o restante ao Brasil.

Letra d – Bastante difícil esse item. Na realidade, esses limites não podem ser revistos pelas razões apresentadas. Isso está regulamentado no art. 7º que diz que “as instalações destinadas à produção de energia elétrica e às obras auxiliares não produzirão

variação nos limites entre os dois países, estabelecidos nos Tratados vigentes”.

Letra e – Como eu disse, a energia produzida não pode ser vendida a outros países.

Sobre o Tratado de Itaipu, lembro que esse tratado é o instrumento legal para o aproveitamento hidrelétrico do Rio Paraná pelo Brasil e Paraguai, assinado em Brasília em 26 de abril de 1973, no qual o Paraguai se obrigou a vender o excedente energético ali produzido, ao Brasil até 2023. Portanto, a partir de 2023 alterações deverão ocorrer em relação ao acordo.

Letra “c”.

8) (CESPE - TRT-17ª Região - 2009) Na Argentina, país vizinho e membro do MERCOSUL, aplicou-se recentemente o expediente protecionista na compra de produtos brasileiros, sob alegação fundamentada no atual contexto de crise.

Exatamente. Foi a partir da crise (2008) que a Argentina passou a se utilizar, de modo mais contundente, de medidas protecionistas. Essas medidas reduziu a balança comercial entre Brasil e Argentina. Questão correta.

9) (Cespe - INMETRO - 2009) Na atualidade, governos como os da Venezuela, Bolívia e Equador defendem posições

políticas assemelhadas, algumas delas claramente convergentes, e tendem a prestar apoio e solidariedade ao regime cubano.

Eu falei sobre a chamada “onda vermelha”, lembram? Nesse sentido, os três governos apontados no enunciado possuem opiniões bastante semelhantes, inclusive no que diz respeito ao apoio a Cuba. Questão certa.

10) (Cespe – Banco do Brasil - 2007) O G8, que congrega os países mais ricos da atualidade, aos quais se agrega a Rússia, não raro convida dirigentes de países considerados emergentes, como é o caso do Brasil, para participar de seus encontros.

O Brasil realmente não faz parte do G8, mas ele às vezes é convidado, bem como outros países emergentes. A questão está correta de fato, mas muitos alunos erram porque ela nos induz a pensar que a Rússia é um dos 8 países mais ricos, o que não é verdade. A Rússia fazia parte desse grupo (vejam que é um grupo e não um bloco) em razão de seu poderio bélico e de sua importância geopolítica. Questão certa.

11) (UNIFOR - 2013) A crise econômica atual nos países mais desenvolvidos vem dando origem a manifestações e movimentos populares destinados a questionar os fundamentos e o funcionamento dos sistemas político e

econômico nesses países. Exemplo desses movimentos populares contestatórios, o movimento “Ocupe Wall Street” vem ganhando rapidamente adeptos em várias outras cidades norte-americanas, bem como europeias e asiáticas. Sobre tal assunto, assinale a alternativa correta.

a) O “Ocupe Wall Street” é um movimento popular caracterizado pela ausência de uma liderança individual e por sua composição por pessoas de várias cores, gêneros e orientações políticas contrárias às decisões políticas favoráveis ao sistema financeiro.

b) Nos Estados Unidos, o “Ocupe Wall Street” tem grande semelhança com o movimento “Tea Party”, pois, ambos defendem forte atuação do governo com o objetivo de defender a classe trabalhadora americana.

c) O movimento “Ocupe Wall Street” resultou do grande interesse, nos Estados Unidos, pelo debate político levantado pela eleição do Presidente Obama em 2008 e de sua grande popularidade.

d) Os participantes do movimento “Ocupe Wall Street” são contrários à utilização de redes sociais disponíveis na rede mundial de computadores (Internet), como forma de divulgação de suas ideias, pois as consideram comprometidas com o sistema financeiro internacional.

e) Os movimentos populares semelhantes ao “Ocupe Wall Street” são, de modo geral, ligados a partidos políticos tradicionais, vistos pelos participantes de tais movimentos como representativos de seus interesses junto aos governos de seus países.

Occupy Wall Street ou Ocupe Wall Street é um movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas - sobretudo do setor financeiro - no governo dos Estados Unidos. Em alguns momentos, esse movimento chega a possuir conotação anti-capitalista.

Tal movimento foi iniciado em 17 de setembro de 2011, no Zuccotti Park, no distrito financeiro de Manhattan, Nova York. O movimento ainda continua denunciando a impunidade dos responsáveis e beneficiários da crise financeira mundial. Posteriormente surgiram outros movimentos Occupy por todo o mundo.

As manifestações foram a princípio convocadas pela revista canadense Adbusters, inspirando-se nos movimentos árabes pela democracia, especialmente nos protestos na Praça Tahrir, no Cairo, que resultaram na Revolução Egípcia de 2011.

A estratégia do movimento é manter uma ocupação constante em Wall Street, setor financeiro de Nova Iorque. As pessoas se

organizam em assembleias gerais, nas quais todas podem falar e participar das decisões coletivamente. Os manifestantes indicaram que a ocupação será mantida pelo tempo que for necessário para atendimento às demandas. O slogan “we are the 99%” (nós somos os 99%) refere-se à crescente desigualdade na distribuição de renda riqueza nos Estados Unidos entre o 1% mais rico e o resto da população. No site occupywallst.org, o OWS é descrito como um movimento de resistência, sem liderança, “com pessoas de muitas cores, gêneros e opiniões políticas”.

Assim, letra “a” é o gabarito.

12) (Cespe - 2012 - FNDE - Especialista em Financiamento e Execução de Programas e Projetos Educacionais - adaptada)
A atual crise que atinge certos países integrantes da União Europeia coloca em risco a solidez do euro, mas preserva os postos de trabalho.

A crise que atinge a Europa, além de colocar em risco a solidez do euro, também tem implicado a alta do desemprego. Questão errada.

13) (UNEAL)

A primeira eleição de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos (1980) coincidiu com o início do governo de Margaret Thatcher, líder do Partido Conservador, na

Inglaterra. Orientados por uma mesma concepção de governo, dariam dimensão internacional ao neoliberalismo (...). (Alceu L. Pazzinato e Maria Helena V. Senise, História Moderna e Contemporânea)

A doutrina econômica a que o texto se refere defende

- a) o Estado de Bem Estar Social nas nações subdesenvolvidas.**
- b) a prática da estatização dos recursos naturais.**
- c) a intervenção mínima do Estado da economia.**
- d) o desestímulo à livre circulação de capitais internacionais.**
- e) a criação de rígida legislação de proteção ao trabalho.**

Os dois governos mencionados no texto adotaram o neoliberalismo como modelo econômico e, como sabemos, o neoliberalismo prega a intervenção mínima do Estado na economia. Letra “c”.

14) (FEI - 2013) Assinale a alternativa incorreta em relação à configuração do espaço econômico mundial nas últimas décadas.

- a) Há uma intensificação do comércio internacional de bens e serviços.**
- b) Ocorre um aumento da interdependência econômica entre as nações do mundo.**
- c) Graças ao aumento dos fluxos de capitais e do avanço tecnológico, as disparidades regionais têm diminuído em todo o mundo.**
- d) Grande parte das transações internacionais ocorre entre filiais e empresas do mesmo grupo espalhadas pelo mundo.**
- e) Predomina uma grande flexibilidade na produção, com o uso de tecnologias que possibilitam rápidas mudanças tanto nos produtos oferecidos, quanto no local de produção, sendo comum a presença de produtos com componentes fabricados em diversas partes do mundo.**

Definitivamente tanto a globalização quanto o neoliberalismo que marcam o espaço econômico mundial nas últimas décadas não diminuíram as disparidades regionais em todo o mundo. Na verdade, esse modelo tem aumentado as disparidades. Letra “c”.

15) (UNESP - 2013) *A fábrica global instala-se além de toda e qualquer fronteira, articulando capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social e outras forças*

produtivas. Acompanhada pela publicidade, a mídia impressa e eletrônica, a indústria cultural, misturadas em jornais, revistas, livros, programas de rádio, emissões de televisão, videocliques, fax, redes de computadores e outros meios de comunicação, informação e fabulação, dissolve fronteiras, agiliza os mercados, generaliza o consumismo. Provoca a desterritorialização e reterritorialização das coisas, gentes e ideias. Promove o redimensionamento de espaços e tempos. (Octavio Ianni, Teorias da Globalização, 2002).

Partindo da metáfora de fábrica global de Octavio Ianni, pode-se identificar como características da globalização

a) o amplo fluxo de riquezas, de imagens, de poder, bem como as novas tecnologias de informação que estão integrando o mundo em redes globais, em que o Estado também exerce importante papel na relação entre tecnologia e sociedade.

b) a imposição de regras pelos países da Europa e América do Sul nas relações comerciais e globais que oprimem os mais pobres do mundo e se preocupam muito mais com a expansão das relações de mercado do que com a democracia.

c) a busca das identidades nacionais como única fonte de significado em um período histórico caracterizado por uma ampla estruturação das organizações sociais, legitimação das

instituições e aparecimento de movimentos políticos e expressões culturais.

d) o multiculturalismo e a interdependência que somente podemos compreender e mudar a partir de uma perspectiva singular que articule o isolamento cultural com o individualismo.

e) a existência de redes que impedem a dependência dos polos econômicos e culturais no novo mosaico global contemporâneo.

A globalização está relacionada com a integração social, cultural, política e, sobretudo, econômica entre nações distintas. Dessa maneira, podemos dizer que são características da globalização “o amplo fluxo de riquezas, de imagens, de poder, bem como as novas tecnologias de informação que estão integrando o mundo em redes globais, em que o Estado também exerce importante papel na relação entre tecnologia e sociedade”. Letra “a”.

16) (PUC/ PR - 2013) A globalização pode ser descrita como um conjunto de transformações na ordem política e econômica mundial que vem acontecendo nas últimas décadas.

São manifestações características da globalização, EXCETO:

- a) A globalização aumentou a força/ influência do Estado-Nação como poder regulador da vida econômica e social dos países.**
- b) A redefinição das relações políticas, econômicas e culturais entre os países modifica o papel e o significado das fronteiras nacionais.**
- c) A nova divisão internacional do trabalho permite que grandes conglomerados empresariais passem a exercer uma dominação crescente no setor industrial e de serviços.**
- d) Em virtude do processo de globalização, as grandes corporações passam a ter maior mobilidade espacial e maior capacidade competitiva.**
- e) É crescente a interligação e interdependência dos mercados financeiros em escala mundial.**

Na verdade, a globalização, aliada ao neoliberalismo, diminuiu a influência dos Estados como poder regulador na vida econômica e social. Portanto, letra “a”.

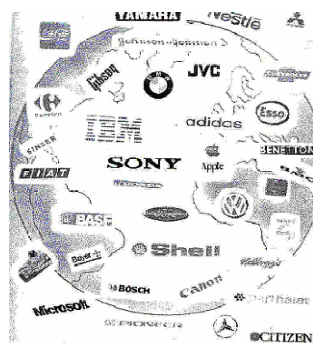
17) (UNIFEI) O G-8 é um órgão informal, mas exclusivo, cujos membros têm como objetivo enfrentar desafios considerados globais, por meio de discussões e ações

conjuntas. As metas visam aumentar a cooperação comercial e financeira, promover a democracia e resolver conflitos entre países. Fazem parte do G8, além de Itália, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Estados Unidos da América e Japão, os seguintes países:

- a) China e Rússia.
- b) Canadá e Brasil.
- c) China e Espanha.
- d) Canadá e Rússia.

Recordemos os membros do G8: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália, Canadá e Rússia. Importante destacar que a China não faz parte do grupo. Letra “d”.

18) (INATEL) Observe a figura abaixo e marque a alternativa que melhor a ela se refere:



- a) a expansão do agronegócio.**
- b) o poderio da robótica.**
- c) a vulgarização da internet.**
- d) o fortalecimento do mercado interno.**
- e) a mundialização do capital.**

Essa figura faz referência a um fenômeno que está diretamente relacionado à globalização, que é a mundialização do capital. Com a globalização, o capitalismo se mundializou, ou seja, se tornou global, adentrando países e espaços geográficos que ainda não estavam inseridos nessa lógica. Essa situação foi impulsionada pelo aumento da velocidade no fluxo de informações, bens, pessoas e capitais. Letra “e”.

19) (UECE) O ano de 2011, além de completar dez anos do atentado terrorista aos Estados Unidos, tem visto vários conflitos no mundo árabe: a queda dos regimes tunisiano e egípcio e, em seguida, a derrubada de Muammar Gaddafi, na Líbia, e a insurreição na Síria. Sobre os atuais conflitos no mundo árabe, é correto afirmar-se que

- a) as revoltas da Tunísia e do Egito foram geradas pela indignação diante da riqueza e da corrupção da elite governante.
- b) reivindicam a política de bem-estar social que garante educação, segurança e saúde gratuitas, bem como uma renda digna para todos.
- c) foram gerados pela queda do preço do petróleo e pela indignação com a falta de oportunidades para os jovens.
- d) os casos sírio e líbio decorrem da aceitação da desigualdade como preço a ser pago em troca do crescimento econômico.

As revoltas da Primavera Árabe decorrem de diversos fatores. Entre eles podemos destacar a indignação da população diante dos regimes autoritários que permaneciam (ou permanecem) no poder por décadas; da desigualdade social e concentração de renda que atingem a região e da corrupção dos dirigentes. Letra “a”.

20) (IBFC - Oficial de Promotoria I – MP-SP - 2011) Sobre a manchete “Senado revê acordo, e Paraguai ganhará mais por Itaipu”, publicada no jornal Folha de São Paulo, do dia 12/05/2011, assinale a alternativa correta.

- a) Diz respeito ao acordo bilateral, firmado entre Brasil e Paraguai, em que as parcelas pagas pelo governo brasileiro pelo empréstimo concedido pelo Paraguai para a construção da usina hidrelétrica de Itaipu.
- b) Está relacionada à triplicação do valor pago pelo Brasil pela energia gerada pela usina hidrelétrica de Itaipu e que não é utilizada pelo país vizinho.
- c) Fala sobre a dívida que o Brasil tem com o Paraguai relacionada ao acordo entre os dois países que estipulava que o Brasil consumiria toda a energia gerada pela usina, sendo que, após a revisão do acordo, o Paraguai terá direito a 1/3 da energia gerada.
- d) Trata da liberação concedida pelo governo brasileiro, para que o Paraguai possa comercializar livremente o excedente energético gerado por Itaipu.

Vejam só essa notícia da Folha de São Paulo publicada em maio de 2011:

“em meio a protestos da oposição, o Senado aprovou o acordo entre Brasil e Paraguai que triplica o valor pago pelo governo brasileiro pela energia gerada na hidrelétrica de Itaipu não utilizada no país vizinho. O projeto amplia os valores estabelecidos no Tratado de Itaipu para os pagamentos por cessão de energia efetuados pelo Brasil ao país. (...)Pelo texto, o Brasil vai elevar de 5,1 para 15,3 o fator de multiplicação aplicado aos valores estabelecidos no Tratado

de Itaipu para os pagamentos por cessão de energia. Na prática, a mudança de cálculo multiplica por três o valor gasto pelo governo brasileiro para financiar a energia produzida em Itaipu”.

Assim, letra “b” é a correta.

21) (Cespe – IRB - Bolsa - 2008) O Brasil tem historicamente uma política externa com ênfase nos objetivos de paz, desenvolvimento e participação do país nos grandes temas do mundo.

O Brasil, inclusive, tem ganhado mais relevância no cenário internacional com missões de paz, como a do Haiti, e intermediando questões complexas, como a questão do enriquecimento de urânio feito pelo Irã. Questão certa.

22) (CESPE - IRB - Bolsa - 2008) A reforma das Nações Unidas, uma necessidade conceitual e prática do momento atual, é área de pouco interesse da política externa brasileira.

Pouco interesse, pessoal? Claro que não. O Brasil tem total interesse em uma reforma das Nações Unidas, principalmente a pleitear sua entrada no Conselho de Segurança. Questão errada.

23) (Cespe – ABIN - 2008) O Brasil considera oficialmente como terroristas os grupos guerrilheiros das FARC, na Bolívia.

O Brasil não considera oficialmente as FARC como um grupo terrorista, embora a Colômbia o faça. Questão errada.

24) (Cespe - SNJ - 2005) Os indiscutíveis êxitos obtidos pelo Plano Colômbia, idealizado e financiado pelos Estados Unidos da América (EUA), explicam a sensível redução da entrada e do consumo de drogas ilícitas no território norte-americano.

Eu considero essa questão muito boa, porque os Estados Unidos realmente idealizaram e financiaram o Plano Colômbia. Contudo, não houve êxitos tão indiscutíveis assim. Na realidade, o Plano não foi capaz de reduzir sensivelmente a entrada de drogas no território norte-americano. Questão errada.

25) (Cespe - Polícia Civil – DF - 2009) *Na queda de braço entre chavismo e oposição, ambos os lados personalizam na figura do presidente sua discordância diametral sobre os rumos que o país deve tomar. Por trás da figura do coronel paraquedista transformado em chefe de Estado está um projeto de contornos vagos, mas com um sentido geral claro: socialismo bolivariano, uma mescla de estatismo distributivista com nacionalismo antiamericano. O empenho de Chávez em assegurar-se o direito de renovar o mandato indefinidamente sugere insegurança: a revolução não teria pernas para seguir em frente sem o líder. De maneira análoga, os opositores do projeto chavista parecem ver no*

presidente um obstáculo cuja remoção seria indispensável para reverter a marcha socializante.

(Silvio Queiroz. Duelo de espelhos. In: Correio Braziliense, 15/2/2009, p. 18).

Esse texto foi publicado no dia do referendo realizado na Venezuela, a respeito da possibilidade de reeleições sucessivas para os principais cargos executivos do país, cujo resultado foi favorável ao presente Hugo Chávez. Tomando-o apenas como referência inicial, assinale a alternativa correta.

(A) Maior produtor de petróleo do hemisfério ocidental, a Venezuela é grande fornecedora daquele produto aos Estados Unidos. Portanto, as disputas diplomáticas entre o ex-presidente George W. Bush e Hugo Chávez encontravam-se inseridas em um quadro de fortes laços econômicos.

(B) A exemplo de Hugo Chávez, outros governos sulamericanos, como Evo Morales, Rafael Correa e Michele Bachelet anunciaram que pretendem realizar, brevemente, referendos com o objetivo de tentar estender sua permanência no poder.

(C) No ano de 2008, a Venezuela realizou, em áreas próximas ao seu litoral, manobras navais conjuntas com a marinha da Rússia. Considerando-se que Rússia e Estados Unidos tiveram alguns atritos em períodos recentes, como no

caso da invasão da Geórgia por tropas russas, é possível afirmar que as manobras militares estão relacionadas ao “nacionalismo antiamericano” citado pelo jornalista.

(D) As excelentes relações diplomáticas que o governo Chávez sempre manteve com a Colômbia contribuíram de maneira significativa para a intermediação venezuelana no conflito Colômbia-FARC, resultando na libertação de diversos reféns.

(E) Tendo assumido o poder por meio de um golpe, o atual mandatário venezuelano implementou um regime personalista e autoritário, lembrando velhos caudilhos que fizeram história na América Latina, como Getúlio Vargas, no Brasil, e Juan Domingo Perón, na Argentina.

Meus amigos, eu diria, respeitosamente, que a letra “a” é maligna! Dá uma vontade danada de marcar ela. Mas sabem qual o erro? A Venezuela não é a maior produtora do Ocidente, mas sim os Estados Unidos. A Venezuela possui as maiores reservas de petróleo.

A “b” está errada porque Bachelet não pretendeu realizar referendos desse tipo.

A letra “c” está perfeita.

A letra “d” está errada. Não esqueçam que a Colômbia é aliada dos EUA, enquanto a Venezuela a eles se opõe. Dessa maneira, as relações diplomáticas entre Colômbia e Venezuela se tornaram mais distantes.

A letra “e” também dá vontade de marcar, chega a coçar a mão, mas está errada. Chávez não deu um golpe para assumir o poder em 1998. Na verdade, ele foi eleito.

Letra “c”.

26) (Cespe – TRE/ RJ – Analista Judiciário – 2013) A imprensa relata que cidades italianas como Nápoles e Palermo passam por problemas financeiros decorrentes da crise econômica mundial atual.

A Itália integra o grupo dos PIIGS, que são justamente os países da Europa mais afetados pela crise mundial iniciada em 2008. Nesse sentido, Nápoles e Palermo encontram-se de fato entre as cidades afetadas. Questão correta.

27) (Cespe – FUB – Assistente administrativo – 2013) As crises na economia contemporânea são cíclicas e tendem a estender geograficamente seus efeitos devido à globalização dos tempos atuais.

De fato, as crises são cíclicas, ou seja, mediante ciclos de avanço e retração. Além disso, não há dúvidas de que na globalização há extensão de seus efeitos pelo mundo todo. Questão correta.

28) (Iades – MP/ GO – Assistente Administrativo – 2013 - adaptada) Começa a configurar-se na América Latina um novo bloco econômico, o Mercado Integrado Latino-Americano (MILA), também denominado Aliança do Pacífico, que, segundo a revista The Economist, pode mostrar a investidores internacionais que o Brasil não é a única alternativa interessante na região.

Em relação ao tema abordado, assinale a alternativa que apresenta os países que formam o MILA, ainda em construção.

- a) México, Panamá, Chile e Bolívia.**
- b) Peru, Colômbia, Costa Rica e México.**
- c) Equador, Bolívia, Chile e Honduras.**
- d) Bolívia, Chile, Colômbia e Equador.**
- e) México, Colômbia, Chile e Peru**

A Aliança do Pacífico é formada por México, Colômbia, Chile e Peru. O objetivo do bloco é formar um mercado comum entre os países membros e entre eles e os países banhado pelo oceano Pacífico. Letra e.

29) (Cespe – MME – 2013) A crise econômica iniciou-se na Grécia, na Espanha, em Portugal e na Irlanda, em 2008, em razão da especulação imobiliária e do excesso de moeda circulante no mercado.

Na realidade, a crise se iniciou nos EUA e depois se alastrou para esses países. Questão errada.

30) (Cespe – TJDF – Técnico Judiciário – 2013) Entre as personalidades que lutam contra a poluição ambiental urbana, destaca-se a ativista cubana Yoani Sánchez, que esteve recentemente no Brasil para divulgar a recomendação da Organização Mundial da Saúde para que se reduzam os índices da poluição urbana, altamente nociva à saúde.

Na verdade, Yoani Sánchez é ativista na área de liberdade de expressão e se opõe ao regime ditatorial cubano. Ela veio ao Brasil realizar debates acerca da situação política cubana, além de lançar seu livro. Seus pedidos para viajar foram negados inúmeras vezes. Questão errada.

31) (Vunesp – TJ/ SP – Técnico em Comunicação – 2012) WASHINGTON — A presidente Dilma Rousseff afirmou que comunicou ao presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, que a próxima Cúpula das Américas, que reúne praticamente todos os chefes de Estado de toda a região nos dias 13 e 14

de abril (2012), será a última sem a participação de Cuba. Nos bastidores, os EUA vetaram o convite ao país, com o qual vivem uma relação de antagonismo desde o fim dos anos 50, cujo maior emblema é o embargo econômico à ilha. A presença de Raúl Castro, que substituiu o irmão Fidel Castro no comando do governo cubano há quatro anos, poderia gerar questionamento político a Obama domesticamente, em ano de eleições presidenciais.

A partir do texto, pode-se concluir que

- a) o governo de Barak Obama reestabeleceu diálogo com Cuba.
- b) o governo brasileiro tem se destacado no cenário internacional.
- c) a Cúpula das Américas aceita a presença de Raúl Castro, mas não de Fidel Castro.
- d) o Brasil pretende acabar com o embargo e comercializar com Cuba.
- e) os países latino-americanos pretendem isolar os Estados Unidos

O governo brasileiro tem se destacado no cenário internacional. São exemplos a missão no Haiti e a mediação da questão nuclear iraniana. Letra b.

32) (Cespe – CPRM – Analista de Geociências – 2013) Há cerca de três anos, os Estados Unidos da América passaram por outro escândalo de vazamento de documentos sigilosos, quando o sítio WikiLeaks publicou mais de cem mil documentos diplomáticos que tinham status de confidenciais e secretos.

Exatamente. O WikiLeaks é uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página postagens de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis. Em 2010, houve de fato um escândalo envolvendo os EUA. O líder do WikiLeaks é Julian Assange, que está exilado em uma embaixada do Equador em Londres. Questão correta.

33) (Cespe – FUB – Assistente em Administração – 2013) A espionagem norte-americana realizada no Brasil restringiu-se à economia, deixando de lado personagens do mundo da política.

Não foi bem assim. Houve também espionagem política, como em relação a Dilma. Questão errada.

34) (Cespe – FUB – Assistente em Administração – 2013)
Devido à espionagem da Agência de Segurança Nacional dos EUA, a Petrobras, maior empresa brasileira, desistiu de conduzir a extração do petróleo na camada do pré-sal.

Em momento algum a Petrobras cogitou parar de extrair petróleo do pré-sal. Questão errada.

35) (FCC – TRE/ AP – Técnico Judiciário - 2006) Em dezembro de 2005, foi eleito o primeiro presidente indígena da América do Sul. De origem aimara, Evo Morales traz esperança para a maioria pobre, mas assusta as elites, os investidores estrangeiros e os Estados Unidos. Trata-se de um político

- a) peruano.
- b) chileno.
- c) boliviano.
- d) equatoriano.
- e) paraguaio.

Essa questão é bem simples, mas a coloquei para relembrar algumas características da onda vermelha: esperança para a maioria pobre, mas assusta as elites, os investidores estrangeiros e os Estados Unidos. O texto faz menção ao boliviano Evo Morales. Letra c.

36) (FCC - DPE/ SP – Agente de Defensoria Pública – 2013 - adaptada) A política externa desenvolvida pelo Itamaraty durante o ano de 2012 pode ser considerada discreta, mas atuante. Entre os fatos mais expressivos das relações internacionais brasileiras pode-se destacar

- a) as negociações para que o país passe a integrar a OCDE, bloco formado pelos países ricos.**
- b) as fortes sanções comerciais impostas aos países do norte da África após a “primavera árabe”.**
- c) o aumento da participação das tropas que desenvolvem missão de paz em território do Haiti.**
- d) o voto favorável à elevação da Palestina à condição de Estado observador não membro da ONU.**
- e) a articulação com os Estados Unidos para frear a presença comercial da China na América Latina.**

Essa questão é bem interessante, pois muitos alunos marcam letra c como gabarito. Todavia, a letra c está incorreta! As tropas brasileiras no Haiti estão sendo reduzidas gradualmente. A alternativa certa é a letra d, porque, na votação que elevou a Palestina a Estado Observador, o Brasil votou de modo favorável. Letra d.

37) (Vunesp – MPE/ SP – Auxiliar administrativo – 2014)

Desde novembro de 2013 ocorreram violentas ondas de protestos na Ucrânia contra o então presidente Viktor Yanukovich. Dentre os motivos dos protestos, é correto citar

a) forte crise econômica na Ucrânia e a tentativa do presidente de se afastar da União Europeia e reforçar as relações com a Rússia.

b) suspensão das exportações de gás ucraniano para a Rússia e a elevada dívida da Ucrânia devido aos empréstimos fornecidos pela União Europeia.

c) internacionalização dos gasodutos que transportam gás natural ucraniano para a Europa e a presença de tropas alemãs na capital do país, Kiev.

d) negativa de países como os Estados Unidos em apoiar novas eleições no país e o pedido de anexação de territórios ucranianos à Polônia.

e) rejeição da população ucraniana à iniciativa presidencial de integração do país à União Europeia e os indícios de corrupção do governo.

Há na Ucrânia uma forte divisão entre os que são a favor da aproximação com a Rússia e os que são a favor da aproximação

com a União Europeia. Quando o ex-presidente ucraniano decidiu se aproximar da Rússia, houve um rompante de descontentamento que levou a violentas manifestações e crise política. Letra a.

38) (Vunesp – Desenvolvesp – Auditor – 2014) Assembleia Geral da ONU aprova resolução contra anexação da Crimeia à Rússia. Texto foi referendado com apoio de cem países, com 11 contrários e 58 abstenções. “Afirmamos nosso compromisso com a soberania, a independência política, a unidade e a integridade territorial da Ucrânia a partir de suas fronteiras reconhecidas internacionalmente”, argumenta o documento. Essa anexação

a) deu-se por conta da pressão europeia e norte-americana sobre a região, fundamental na exportação de gás e petróleo para o Ocidente, o que levou a Rússia a declarar guerra à Ucrânia para se unir à Crimeia.

b) foi decidida em um plebiscito do qual participou toda a população ucraniana, que votou majoritariamente pelo desmembramento do país e pela união entre a região autônoma da Crimeia e o principal país vizinho, a Rússia.

c) ocorreu devido à violenta ação militar russa, sob as ordens do presidente Vladimir Putin, que enviou tropas para a fronteira da Ucrânia e ordenou o bombardeio dos postos militares ucranianos.

d) foi aprovada em referendo pela maior parte da população da Crimeia, depois que o Parlamento da região, que era autônoma à Ucrânia, rejeitou o novo governo ucraniano, mais ligado à União Europeia do que à Rússia.

e) teve como uma de suas causas o apoio do Irã e da China ao desmembramento da Ucrânia, com o objetivo de enfraquecer os interesses dos países ocidentais e reduzir a influência dos EUA no leste europeu.

Houve, naquele momento, um referendo organizado na Crimeia sem aprovação do governo ucraniano nem de organismos internacionais. Apesar disso, a população local rejeitou o governo que era implementado na Ucrânia e decidiu favoravelmente à anexação. Letra d.

39) (Cespe - Caixa – Médico do Trabalho – 2014) Usando os Jogos de Sochi para reforçar sua imagem internacional e para mostrar ao mundo a relevância da nova Rússia, nascida dos escombros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Putin é acusado por parcela da opinião pública mundial de, entre outras atitudes, fomentar a homofobia em seu país.

De fato, há fortes acusações de que Putin utiliza a força coercitiva russa contra os homossexuais. Além disso, as próprias

opiniões e atitudes dele fazem com que a homofobia seja fomentada. Questão certa.

40) (Cespe - Caixa – Médico do Trabalho – 2014) Se, na África, a intolerância contra homossexuais vem ganhando espaço, amparada no conservadorismo das populações, no extremismo religioso e no oportunismo político, em outras regiões — como Europa e América — amplia-se o número de países que permitem o casamento de pessoas do mesmo sexo.

Infelizmente ainda há, no mundo todo, muita perseguição e intolerância injustificável contra homossexuais. No continente africano, essa situação é particularmente forte, de maneira que há locais em que o homossexualismo é considerado crime e pode ser punido com morte. Apesar disso, em outros lugares, como, por exemplo, a Argentina e o Uruguai, o casamento entre pessoas do mesmo sexo vem sendo ampliado. Questão correta.

41) (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014) Conforme as denúncias de Edward Snowden, a espionagem eletrônica norte-americana alcançou os chefes de Estado de todo o mundo, ressalvados apenas aqueles que pertenciam aos países considerados amigos por Washington.

Não houve essa ressalva. Mesmo chefes de Estados considerados amigos foram alcançados, como, por exemplo, Angela Merkel da Alemanha. Questão errada.

42) (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014) A defesa que a União Europeia faz de uma governança mais aberta da Internet reflete os interesses dos mais recentes integrantes do bloco, ou seja, os países do Leste europeu, em especial a Rússia, que aderiram ao projeto integracionista com a promessa de que seu já acentuado desenvolvimento tecnológico seria impulsionado.

A Rússia não é integrante da União Europeia nem aderiu a nenhuma projeto integracionista com a União Europeia. Questão errada.

6. Lista de questões

1) (CESPE - 2012 - TCU - Técnico de Controle Externo)
Apenas dois partidos, o Republicano e o Liberal, atuam na cena política norte-americana; nas eleições de 2012, os liberais apostam na recondução de Barack Obama ao Capitólio.

2) (CESPE - 2012 - TCU - Técnico de Controle Externo)
Obama notabilizou-se por ser o primeiro negro a chegar à presidência dos Estados Unidos da América, feito particularmente significativo, haja vista a forte marca da

escravidão africana na história do país e da discriminação racial, que custou a ser legalmente abolida.

3) (Cespe - Antaq - 2009) A crescente importância do Brasil e da Venezuela no cenário sulamericano, inclusive no que se refere à mediação entre partes em crises regionais, emana da modernização econômica, da tranquilidade política e da projeção internacional de que gozam os dois países, em igual proporção e legitimidade internacional.

4) (Cespe – Antaq - 2009) Na atualidade, os países latino-americanos que melhor se relacionam com os EUA são Cuba e Venezuela.

5) (FCC - Escriturário-Banco do Brasil - 2011) “Os exportadores brasileiros de geladeiras, fogões e máquinas de lavar roupa voltaram a enfrentar barreiras no mercado (...). Conforme o “Estado” apurou, 35 caminhões estão parados nos depósitos alfandegários à espera de autorização para circular no país”. (O Estado de S. Paulo, 13/ 05/ 2011, p. B3)

O texto acima destaca uma nova crise comercial provocada pelo protecionismo comercial

- (A) do Paraguai.**
- (B) da Venezuela.**
- (C) do Peru.**

(D) da Argentina

(E) da Bolívia.

6) (FMP - Auditor Público Externo – TCE-RS - 2011) Economistas e analistas de mercado criaram o termo “BRICS” para se referir a alguns países que se destacaram no cenário mundial pelo rápido crescimento das suas economias em desenvolvimento. Os países que compõe esta expressão são:

(A) Brasil, Rússia, Indonésia, China e Coreia do Sul.

(B) Bulgária, Reino Unido, Índia e Coreia do Sul.

(C) Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

(D) Brasil, Rússia, Índia e Colômbia e África do Sul.

(E) Brasil, República da China, Indonésia, Chile e Coreia do Sul.

7) (FCC - Analista Legislativo - 2008) Um dos principais itens da plataforma eleitoral de Fernando Lugo, ex-bispo católico eleito presidente da República do Paraguai em abril de 2008, foi a revisão do Tratado de Itaipu, celebrado com o Brasil em 26 de abril de 1973. Entre outras cláusulas, o tratado prevê que:

a) o Paraguai não receberá a compensação financeira dos royalties, pois seu território não foi atingido pela construção da barragem.

b) a venda da energia produzida a partir do aproveitamento hidrelétrico referido no tratado deve ser feita a preço de custo para países não signatários.

c) os signatários devem adquirir, conjunta ou separadamente, o total da energia produzida a partir do aproveitamento hidrelétrico referido no tratado.

d) os limites territoriais estabelecidos entre os dois países podem ser revistos em função da implantação de instalações destinadas à produção de energia elétrica e obras auxiliares.

e) os países signatários têm o direito de vender a energia por eles não utilizada para terceiros países.

8) (CESPE - TRT-17ª Região - 2009) Na Argentina, país vizinho e membro do MERCOSUL, aplicou-se recentemente o expediente protecionista na compra de produtos brasileiros, sob alegação fundamentada no atual contexto de crise.

9) (Cespe - INMETRO - 2009) Na atualidade, governos como os da Venezuela, Bolívia e Equador defendem posições

políticas assemelhadas, algumas delas claramente convergentes, e tendem a prestar apoio e solidariedade ao regime cubano.

10) (CESPE/ BB / 2007) O G8, que congrega os países mais ricos da atualidade, aos quais se agrega a Rússia, não raro convida dirigentes de países considerados emergentes, como é o caso do Brasil, para participar de seus encontros.

11) (UNIFOR) A crise econômica atual nos países mais desenvolvidos vem dando origem a manifestações e movimentos populares destinados a questionar os fundamentos e o funcionamento dos sistemas político e econômico nesses países. Exemplo desses movimentos populares contestatórios, o movimento “Ocupe Wall Street” vem ganhando rapidamente adeptos em várias outras cidades norte-americanas, bem como europeias e asiáticas. Sobre tal assunto, assinale a alternativa correta.

a) O “Ocupe Wall Street” é um movimento popular caracterizado pela ausência de uma liderança individual e por sua composição por pessoas de várias cores, gêneros e orientações políticas contrárias às decisões políticas favoráveis ao sistema financeiro.

b) Nos Estados Unidos, o “Ocupe Wall Street” tem grande semelhança com o movimento “Tea Party”, pois, ambos

defendem forte atuação do governo com o objetivo de defender a classe trabalhadora americana.

c) O movimento “Ocupe Wall Street” resultou do grande interesse, nos Estados Unidos, pelo debate político levantado pela eleição do Presidente Obama em 2008 e de sua grande popularidade.

d) Os participantes do movimento “Ocupe Wall Street” são contrários à utilização de redes sociais disponíveis na rede mundial de computadores (Internet), como forma de divulgação de suas ideias, pois as consideram comprometidas com o sistema financeiro internacional.

e) Os movimentos populares semelhantes ao “Ocupe Wall Street” são, de modo geral, ligados a partidos políticos tradicionais, vistos pelos participantes de tais movimentos como representativos de seus interesses junto aos governos de seus países.

12) (Cespe - 2012 - FNDE - Especialista em Financiamento e Execução de Programas e Projetos Educacionais - adaptada)
A atual crise que atinge certos países integrantes da União Europeia coloca em risco a solidez do euro, mas preserva os postos de trabalho.

13) (UNEAL)

A primeira eleição de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos (1980) coincidiu com o início do governo de Margaret Thatcher, líder do Partido Conservador, na Inglaterra. Orientados por uma mesma concepção de governo, dariam dimensão internacional ao neoliberalismo (...). (Alceu L. Pazzinato e Maria Helena V. Senise, História Moderna e Contemporânea)

A doutrina econômica a que o texto se refere defende

- a) o Estado de Bem Estar Social nas nações subdesenvolvidas.**
- b) a prática da estatização dos recursos naturais.**
- c) a intervenção mínima do Estado da economia.**
- d) o desestímulo à livre circulação de capitais internacionais.**
- e) a criação de rígida legislação de proteção ao trabalho.**

14) (FEI) Assinale a alternativa incorreta em relação à configuração do espaço econômico mundial nas últimas décadas.

- a) Há uma intensificação do comércio internacional de bens e serviços.**

b) Ocorre um aumento da interdependência econômica entre as nações do mundo.

c) Graças ao aumento dos fluxos de capitais e do avanço tecnológico, as disparidades regionais têm diminuído em todo o mundo.

d) Grande parte das transações internacionais ocorre entre filiais e empresas do mesmo grupo espalhadas pelo mundo.

e) Predomina uma grande flexibilidade na produção, com o uso de tecnologias que possibilitam rápidas mudanças tanto nos produtos oferecidos, quanto no local de produção, sendo comum a presença de produtos com componentes fabricados em diversas partes do mundo.

15) (UNESP) *A fábrica global instala-se além de toda e qualquer fronteira, articulando capital, tecnologia, força de trabalho, divisão do trabalho social e outras forças produtivas. Acompanhada pela publicidade, a mídia impressa e eletrônica, a indústria cultural, misturadas em jornais, revistas, livros, programas de rádio, emissões de televisão, videoclipes, fax, redes de computadores e outros meios de comunicação, informação e fabulação, dissolve fronteiras, agiliza os mercados, generaliza o consumismo. Provoca a desterritorialização e reterritorialização das coisas, gentes e*

***ideias. Promove o redimensionamento de espaços e tempos.
(Octavio Ianni, Teorias da Globalização, 2002).***

Partindo da metáfora de fábrica global de Octavio Ianni, pode-se identificar como características da globalização

- a) o amplo fluxo de riquezas, de imagens, de poder, bem como as novas tecnologias de informação que estão integrando o mundo em redes globais, em que o Estado também exerce importante papel na relação entre tecnologia e sociedade.**
- b) a imposição de regras pelos países da Europa e América do Sul nas relações comerciais e globais que oprimem os mais pobres do mundo e se preocupam muito mais com a expansão das relações de mercado do que com a democracia.**
- c) a busca das identidades nacionais como única fonte de significado em um período histórico caracterizado por uma ampla estruturação das organizações sociais, legitimação das instituições e aparecimento de movimentos políticos e expressões culturais.**
- d) o multiculturalismo e a interdependência que somente podemos compreender e mudar a partir de uma perspectiva singular que articule o isolamento cultural com o individualismo.**

e) a existência de redes que impedem a dependência dos polos econômicos e culturais no novo mosaico global contemporâneo.

16) (PUC-PR) A globalização pode ser descrita como um conjunto de transformações na ordem política e econômica mundial que vem acontecendo nas últimas décadas.

São manifestações características da globalização, EXCETO:

a) A globalização aumentou a força/ influência do Estado-Nação como poder regulador da vida econômica e social dos países.

b) A redefinição das relações políticas, econômicas e culturais entre os países modifica o papel e o significado das fronteiras nacionais.

c) A nova divisão internacional do trabalho permite que grandes conglomerados empresariais passem a exercer uma dominação crescente no setor industrial e de serviços.

d) Em virtude do processo de globalização, as grandes corporações passam a ter maior mobilidade espacial e maior capacidade competitiva.

e) É crescente a interligação e interdependência dos mercados financeiros em escala mundial.

17) (UNIFEI) O G-8 é um órgão informal, mas exclusivo, cujos membros têm como objetivo enfrentar desafios considerados globais, por meio de discussões e ações conjuntas. As metas visam aumentar a cooperação comercial e financeira, promover a democracia e resolver conflitos entre países. Fazem parte do G8, além de Itália, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Estados Unidos da América e Japão, os seguintes países:

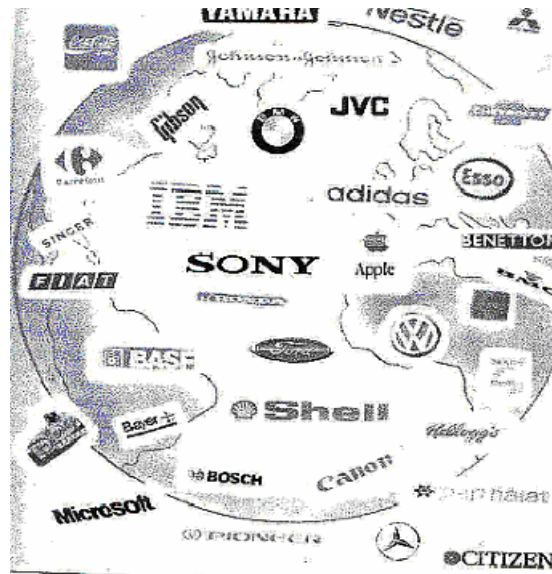
a) China e Rússia.

b) Canadá e Brasil.

c) China e Espanha.

d) Canadá e Rússia.

18) (INATEL) Observe a figura abaixo e marque a alternativa que melhor a ela se refere:



- a) a expansão do agronegócio.
- b) o poderio da robótica.
- c) a vulgarização da internet.
- d) o fortalecimento do mercado interno.
- e) a mundialização do capital.

19) (UECE) O ano de 2011, além de completar dez anos do atentado terrorista aos Estados Unidos, tem visto vários conflitos no mundo árabe: a queda dos regimes tunisiano e egípcio e, em seguida, a derrubada de Muammar Gaddafi, na Líbia, e a insurreição na Síria. Sobre os atuais conflitos no mundo árabe, é correto afirmar-se que

a) as revoltas da Tunísia e do Egito foram geradas pela indignação diante da riqueza e da corrupção da elite governante.

b) reivindicam a política de bem-estar social que garante educação, segurança e saúde gratuitas, bem como uma renda digna para todos.

c) foram gerados pela queda do preço do petróleo e pela indignação com a falta de oportunidades para os jovens.

d) os casos sírio e líbio decorrem da aceitação da desigualdade como preço a ser pago em troca do crescimento econômico.

20) (IBFC - Oficial de Promotoria I – MP-SP - 2011) Sobre a manchete “Senado revê acordo, e Paraguai ganhará mais por Itaipu”, publicada no jornal Folha de São Paulo, do dia 12/ 05/ 2011, assinale a alternativa correta.

a) Diz respeito ao acordo bilateral, firmado entre Brasil e Paraguai, em que as parcelas pagas pelo governo brasileiro pelo empréstimo concedido pelo Paraguai para a construção da usina hidrelétrica de Itaipu.

b) Está relacionada à triplicação do valor pago pelo Brasil pela energia gerada pela usina hidrelétrica de Itaipu e que não é utilizada pelo país vizinho.

c) Fala sobre a dívida que o Brasil tem com o Paraguai relacionada ao acordo entre os dois países que estipulava que o Brasil consumiria toda a energia gerada pela usina, sendo que, após a revisão do acordo, o Paraguai terá direito a 1/3 da energia gerada.

d) Trata da liberação concedida pelo governo brasileiro, para que o Paraguai possa comercializar livremente o excedente energético gerado por Itaipu.

21) (Cespe – IRB - Bolsa - 2008) O Brasil tem historicamente uma política externa com ênfase nos objetivos de paz, desenvolvimento e participação do país nos grandes temas do mundo.

22) (CESPE - IRB - Bolsa - 2008) A reforma das Nações Unidas, uma necessidade conceitual e prática do momento

atual, é área de pouco interesse da política externa brasileira.

23) (Cespe – ABIN - 2008) O Brasil considera oficialmente como terroristas os grupos guerrilheiros das FARC, na Bolívia.

24) (Cespe - SNJ - 2005) Os indiscutíveis êxitos obtidos pelo Plano Colômbia, idealizado e financiado pelos Estados Unidos da América (EUA), explicam a sensível redução da entrada e do consumo de drogas ilícitas no território norte-americano.

25) (Cespe - Polícia Civil – DF - 2009) *Na queda de braço entre chavismo e oposição, ambos os lados personalizam na figura do presidente sua discordância diametral sobre os rumos que o país deve tomar. Por trás da figura do coronel paraquedista transformado em chefe de Estado está um projeto de contornos vagos, mas com um sentido geral claro: socialismo bolivariano, uma mescla de estatismo distributivista com nacionalismo antiamericano. O empenho de Chávez em assegurar-se o direito de renovar o mandato indefinidamente sugere insegurança: a revolução não teria pernas para seguir em frente sem o líder. De maneira análoga, os opositores do projeto chavista parecem ver no presidente um obstáculo cuja remoção seria indispensável para reverter a marcha socializante.*

(Silvio Queiroz. *Duelo de espelhos. In: Correio Braziliense, 15/2/2009, p. 18).*

Esse texto foi publicado no dia do referendo realizado na Venezuela, a respeito da possibilidade de reeleições sucessivas para os principais cargos executivos do país, cujo resultado foi favorável ao presente Hugo Chávez. Tomando-o apenas como referência inicial, assinale a alternativa correta.

(A) Maior produtor de petróleo do hemisfério ocidental, a Venezuela é grande fornecedora daquele produto aos Estados Unidos. Portanto, as disputas diplomáticas entre o ex-presidente George W. Bush e Hugo Chávez encontravam-se inseridas em um quadro de fortes laços econômicos.

(B) A exemplo de Hugo Chávez, outros governos sulamericanos, como Evo Morales, Rafael Correa e Michele Bachelet anunciaram que pretendem realizar, brevemente, referendos com o objetivo de tentar estender sua permanência no poder.

(C) No ano de 2008, a Venezuela realizou, em áreas próximas ao seu litoral, manobras navais conjuntas com a marinha da Rússia. Considerando-se que Rússia e Estados Unidos tiveram alguns atritos em períodos recentes, como no caso da invasão da Geórgia por tropas russas, é possível

afirmar que as manobras militares estão relacionadas ao “nacionalismo antiamericano” citado pelo jornalista.

(D) As excelentes relações diplomáticas que o governo Chávez sempre manteve com a Colômbia contribuíram de maneira significativa para a intermediação venezuelana no conflito Colômbia-FARC, resultando na libertação de diversos reféns.

(E) Tendo assumido o poder por meio de um golpe, o atual mandatário venezuelano implementou um regime personalista e autoritário, lembrando velhos caudilhos que fizeram história na América Latina, como Getúlio Vargas, no Brasil, e Juan Domingo Perón, na Argentina.

26) (Cespe – TRE/ RJ – Analista Judiciário – 2013) A imprensa relata que cidades italianas como Nápoles e Palermo passam por problemas financeiros decorrentes da crise econômica mundial atual.

27) (Cespe – FUB – Assistente administrativo – 2013) As crises na economia contemporânea são cíclicas e tendem a estender geograficamente seus efeitos devido à globalização dos tempos atuais.

28) (Iades – MP/ GO – Assistente Administrativo – 2013 - adaptada) Começa a configurar-se na América Latina um

novo bloco econômico, o Mercado Integrado Latino-Americano (MILA), também denominado Aliança do Pacífico, que, segundo a revista The Economist, pode mostrar a investidores internacionais que o Brasil não é a única alternativa interessante na região.

Em relação ao tema abordado, assinale a alternativa que apresenta os países que formam o MILA, ainda em construção.

- a) México, Panamá, Chile e Bolívia.**
- b) Peru, Colômbia, Costa Rica e México.**
- c) Equador, Bolívia, Chile e Honduras.**
- d) Bolívia, Chile, Colômbia e Equador.**
- e) México, Colômbia, Chile e Peru**

29) (Cespe – MME – 2013) A crise econômica iniciou-se na Grécia, na Espanha, em Portugal e na Irlanda, em 2008, em razão da especulação imobiliária e do excesso de moeda circulante no mercado.

30) (Cespe – TJDF – Técnico Judiciário – 2013) Entre as personalidades que lutam contra a poluição ambiental urbana, destaca-se a ativista cubana Yoani Sánchez, que esteve recentemente no Brasil para divulgar a recomendação da Organização Mundial da Saúde para que se reduzam os índices da poluição urbana, altamente nociva à saúde.

31) (Vunesp – TJ/ SP – Técnico em Comunicação – 2012)
WASHINGTON — A presidente Dilma Rousseff afirmou que comunicou ao presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, que a próxima Cúpula das Américas, que reúne praticamente todos os chefes de Estado de toda a região nos dias 13 e 14 de abril (2012), será a última sem a participação de Cuba. Nos bastidores, os EUA vetaram o convite ao país, com o qual vivem uma relação de antagonismo desde o fim dos anos 50, cujo maior emblema é o embargo econômico à ilha. A presença de Raúl Castro, que substituiu o irmão Fidel Castro no comando do governo cubano há quatro anos, poderia gerar questionamento político a Obama domesticamente, em ano de eleições presidenciais.

A partir do texto, pode-se concluir que

- a) o governo de Barak Obama reestabeleceu diálogo com Cuba.
- b) o governo brasileiro tem se destacado no cenário internacional.
- c) a Cúpula das Américas aceita a presença de Raúl Castro, mas não de Fidel Castro.

d) o Brasil pretende acabar com o embargo e comercializar com Cuba.

e) os países latino-americanos pretendem isolar os Estados Unidos

32) (Cespe – CPRM – Analista de Geociências – 2013) Há cerca de três anos, os Estados Unidos da América passaram por outro escândalo de vazamento de documentos sigilosos, quando o sítio WikiLeaks publicou mais de cem mil documentos diplomáticos que tinham status de confidenciais e secretos.

33) (Cespe – FUB – Assistente em Administração – 2013) A espionagem norte-americana realizada no Brasil restringiu-se à economia, deixando de lado personagens do mundo da política.

34) (Cespe – FUB – Assistente em Administração – 2013) Devido à espionagem da Agência de Segurança Nacional dos EUA, a Petrobras, maior empresa brasileira, desistiu de conduzir a extração do petróleo na camada do pré-sal.

35) (FCC – TRE/ AP – Técnico Judiciário - 2006) Em dezembro de 2005, foi eleito o primeiro presidente indígena da América do Sul. De origem aimara, Evo Morales traz esperança para a maioria pobre, mas assusta as elites, os investidores estrangeiros e os Estados Unidos. Trata-se de um político

- a) peruano.
- b) chileno.
- c) boliviano.
- d) equatoriano.
- e) paraguaio.

36) (FCC - DPE/ SP – Agente de Defensoria Pública – 2013 - adaptada) A política externa desenvolvida pelo Itamaraty durante o ano de 2012 pode ser considerada discreta, mas atuante. Entre os fatos mais expressivos das relações internacionais brasileiras pode-se destacar

- a) as negociações para que o país passe a integrar a OCDE, bloco formado pelos países ricos.
- b) as fortes sanções comerciais impostas aos países do norte da África após a “primavera árabe”.
- c) o aumento da participação das tropas que desenvolvem missão de paz em território do Haiti.
- d) o voto favorável à elevação da Palestina à condição de Estado observador não membro da ONU.
- e) a articulação com os Estados Unidos para frear a presença comercial da China na América Latina.

37) (Vunesp – MPE/ SP – Auxiliar administrativo – 2014)

Desde novembro de 2013 ocorreram violentas ondas de protestos na Ucrânia contra o então presidente Viktor Yanukovich. Dentre os motivos dos protestos, é correto citar

a) forte crise econômica na Ucrânia e a tentativa do presidente de se afastar da União Europeia e reforçar as relações com a Rússia.

b) suspensão das exportações de gás ucraniano para a Rússia e a elevada dívida da Ucrânia devido aos empréstimos fornecidos pela União Europeia.

c) internacionalização dos gasodutos que transportam gás natural ucraniano para a Europa e a presença de tropas alemãs na capital do país, Kiev.

d) negativa de países como os Estados Unidos em apoiar novas eleições no país e o pedido de anexação de territórios ucranianos à Polônia.

e) rejeição da população ucraniana à iniciativa presidencial de integração do país à União Europeia e os indícios de corrupção do governo.

38) (Vunesp – Desenvolvesp – Auditor – 2014) Assembleia Geral da ONU aprova resolução contra anexação da Crimeia à

Rússia. Texto foi referendado com apoio de cem países, com 11 contrários e 58 abstenções. “Afirmamos nosso compromisso com a soberania, a independência política, a unidade e a integridade territorial da Ucrânia a partir de suas fronteiras reconhecidas internacionalmente”, argumenta o documento. Essa anexação

a) deu-se por conta da pressão europeia e norte-americana sobre a região, fundamental na exportação de gás e petróleo para o Ocidente, o que levou a Rússia a declarar guerra à Ucrânia para se unir à Crimeia.

b) foi decidida em um plebiscito do qual participou toda a população ucraniana, que votou majoritariamente pelo desmembramento do país e pela união entre a região autônoma da Crimeia e o principal país vizinho, a Rússia.

c) ocorreu devido à violenta ação militar russa, sob as ordens do presidente Vladimir Putin, que enviou tropas para a fronteira da Ucrânia e ordenou o bombardeio dos postos militares ucranianos.

d) foi aprovada em referendo pela maior parte da população da Crimeia, depois que o Parlamento da região, que era autônoma à Ucrânia, rejeitou o novo governo ucraniano, mais ligado à União Europeia do que à Rússia.

e) teve como uma de suas causas o apoio do Irã e da China ao desmembramento da Ucrânia, com o objetivo de enfraquecer os interesses dos países ocidentais e reduzir a influência dos EUA no leste europeu.

39) (Cespe - Caixa – Médico do Trabalho – 2014) Usando os Jogos de Sochi para reforçar sua imagem internacional e para mostrar ao mundo a relevância da nova Rússia, nascida dos escombros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Putin é acusado por parcela da opinião pública mundial de, entre outras atitudes, fomentar a homofobia em seu país.

40) (Cespe - Caixa – Médico do Trabalho – 2014) Se, na África, a intolerância contra homossexuais vem ganhando espaço, amparada no conservadorismo das populações, no extremismo religioso e no oportunismo político, em outras regiões — como Europa e América — amplia-se o número de países que permitem o casamento de pessoas do mesmo sexo.

41) (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014) Conforme as denúncias de Edward Snowden, a espionagem eletrônica norte-americana alcançou os chefes de Estado de todo o mundo, ressalvados apenas aqueles que pertenciam aos países considerados amigos por Washington.

42) (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014) A defesa que a União Europeia faz de uma governança mais aberta da Internet reflete os interesses dos mais recentes integrantes do bloco, ou seja, os países do Leste europeu, em especial a Rússia, que aderiram ao projeto integracionista com a promessa de que seu já acentuado desenvolvimento tecnológico seria impulsionado.

7. Gabarito

1 - E	2 - C	3 - E	4 - E	5 - D	6 - C
7 - C	8 - C	9 - C	10 - C	11 - A	12 - E
13 - C	14 - C	15 - A	16 - A	17 - D	18 - E
19 - A	20 - B	21 - C	22 - E	23 - E	24 - E
25 - C	26 - C	27 - C	28 - E	29 - E	30 - E
31 - B	32 - C	33 - E	34 - E	35 - B	36 - D
37 - A	38 - D	39 - C	40 - C	41 - E	42 - E